

PABLO VITORIO ANNUNZIATO RUIVO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PAIS ADOLESCENTES ACERCADO “SER PAI”
NA ADOLESCÊNCIA**

RIO GRANDE

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM**

PABLO VITORIO ANNUNZIATO RUIVO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PAIS ADOLESCENTES ACERCADO “SER PAI”
NA ADOLESCÊNCIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Enfermagem – Área de Concentração: Enfermagem e Saúde e Linha de Pesquisa: Tecnologias de Enfermagem/Saúde a indivíduos e grupos sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giovana Calcagno Gomes.

RIO GRANDE

2010

R934r Ruivo, Pablo Vitorio Annuziato
Representações sociais de pais adolescentes acerca do “ser pai” na adolescência / Pablo Vitorio Annunziato Ruivo. – 2010.

88 f.

Orientadora: Giovana Calcagno Gomes.
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

1. Enfermagem 2. Maternidade 3. Adolescência I. Título. II. Gomes, Giovana Calcagno.

CDU: 616-083-053.6

Catálogo na fonte: Bibliotecária Jane M. C. Cardoso CRB 10/849

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PAIS ADOLESCENTES ACERCADO “SER PAI”
NA ADOLESCÊNCIA**

PABLO VITORIO ANNUNZIATO RUIVO

Esta dissertação/tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de:

Mestre em Enfermagem

e aprovada na sua versão final em 1 de julho de 2010 atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Área de Concentração: Enfermagem e Saúde.

Prof^ª. Dr^ª. Helena Heidtmann Vaghetti

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Giovana Calcagno Gomes

Presidente (FURG)

Prof^ª. Dr^ª. Adriana Dora da Fonseca

Membro (FURG)

Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia de Oliveira Gomes

Membro (FURG)

Prof^ª. Dr^ª. Daniela Centenaro Levandowski

Membro (UNISINOS)

Prof^ª. Dr^ª. Geani Maria Machado Fernandes

Suplente (FURG)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e ao meu irmão, pelo incentivo, desejo do sucesso e respeito que sempre demonstraram diante das minhas escolhas.

À minha orientadora e amiga Giovana Calcagno Gomes pelos ensinamentos, confiança e competente orientação. Minha eterna gratidão e respeito.

À banca examinadora, Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia de Oliveira Gomes, Prof^ª. Dr^ª. Adriana Dora da Fonseca, Prof^ª. Dr^ª. Daniela Centenaro Levandowski e Prof^ª. Dr^ª. Geani Maria Machado Fernandes pela disponibilidade e contribuições que colaboraram com a minha construção de conhecimento.

Ao corpo docente da Escola de Enfermagem pela importância que representaram na minha trajetória profissional e pessoal. Minha admiração e respeito.

Aos amigos e colegas pelo desejo de sucesso e compartilhamento de saberes. As lembranças serão eternas.

Finalmente, a todos os adolescentes participantes do estudo pela disponibilidade e confiança em dividir suas vivências, crenças diante de um momento tão importante em suas vidas. Minha gratidão e respeito.

RESUMO

RUIVO, Pablo Vitorio Annunziato. **Representações sociais de pais adolescentes acerca do “ser pai” na adolescência**. 2010. 88 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

Este estudo tem por objetivo conhecer as representações sociais de pais adolescentes acerca do “ser pai” na adolescência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada no primeiro semestre de 2010 no Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr no Rio Grande do Sul. Teve como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais. Foram participantes 12 pais adolescentes com idades entre 17 e 19 anos. A coleta de dados deu-se através de entrevistas semi-estruturadas e a análise pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. A análise gerou representações acerca do uso de métodos contraceptivos; das reações e sentimentos frente ao diagnóstico da gravidez; das qualidades de um bom pai e do viver do pai adolescente a partir da paternidade. Os principais métodos contraceptivos conhecidos e que os adolescentes possuem acesso são a pílula e a camisinha. No entanto, percebe-se que muitos não os utilizam ou o fazem de forma inadequada. Alguns utilizam no início da relação, mas com o tempo deixam de fazê-lo. O controle da natalidade, ainda, é deixado por conta da mulher. Referem que a gravidez não foi planejada, aconteceu por descuido ou acidente. Após o primeiro impacto acabam aceitando a gravidez e assumem a responsabilidade pelos filhos. Em relação aos sentimentos do pai adolescente frente à informação da gravidez verifica-se que no início podem apresentar-se desconfiados e descrentes da veracidade deste diagnóstico para logo em seguida apresentarem-se preocupados, tristes e, alguns, com raiva de si mesmos por não terem usado preservativos. Percebe-se, que com o tempo ficam felizes e alegres com a paternidade. Quanto às qualidades de um bom pai referem que ser chefe de família, trabalhar, ser o provedor e cuidar do filho encontram-se no núcleo central das representações destes adolescentes. Em relação ao processo de viver do adolescente verifica-se que a maioria não se sente preparada para o exercício da paternidade necessitando de ajuda para assumir o papel de pai. Todos referem espelhar-se em uma figura masculina de sua família como fonte de preparo. Como principais facilidades para o desempenho do papel de pai os adolescentes apontam o apoio da família, ter um emprego e morar com a companheira. Como dificuldades referem a falta de emprego ou a baixa remuneração, o medo de não saber cuidar do filho, a interrupção do processo de escolarização e, em um dos casos, a falta de apoio familiar. Quanto às mudanças ocorridas na vida do adolescente a partir da paternidade referem à entrada precoce no mercado de trabalho, o aumento da responsabilidade frente ao filho e a companheira, o afastamento das amigas, deixar de ir a festas e, principalmente, o mudar de casa para coabitar com o filho e a companheira. Conclui-se que os profissionais da enfermagem devem estar conscientes de seu papel de orientar e cuidar o novo pai na missão de ser pai adolescente e criar seu filho elaborando estratégias assistenciais coerentes com o perfil deste usuário dos serviços de saúde.

Descritores: Gravidez na Adolescência. Paternidade na Adolescência. Enfermagem.

ABSTRACT

RUIVO, Pablo Vitorio Annunziato. **Social representations of teenage fathers regarding to “being a father” in adolescence.** 2010. 88 p. Dissertation (Master Degree in Nursing) – Post-graduation Program in Nursing, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

This study aims to focus on the social representations of adolescent fathers regarding to “being a father” in adolescence. The qualitative research, whose theoretical background is the Theory of Social Representations, was carried out in the first semester of 2010, in Teaching Hospital Dr. Miguel Riet Corrêa Jr in Rio Grande do Sul. There were 12 adolescent fathers aging between 17 and 19 years old as participants. Data collection was made through semi-structured interviews and analysis by the Discourse of Collective Subject. The following data generated representations on the use of birth control methods by the adolescent father; his reactions and feelings facing the diagnosis of pregnancy, the qualities of a good father and living as a father since paternity. The contraceptive methods widely known and of which adolescents can make use are the pill and condom. Noticeably, however, many of them misuse such methods. Some of the adolescents in the study claimed to use these contraceptive methods at the beginning of the relationship, but, they eventually stop doing it. Birth control is still considered a woman’s role. The adolescents who were interviewed mention unplanned pregnancy, which happened due to neglect or by accident. After the initial shock, they end up accepting the pregnancy and take over the responsibility for the children. Concerning to the feelings of the adolescent father at the moment of being aware of the pregnancy, it is clear that the fathers may be suspicious or unfaithful of the veracity of the diagnosis, then, they feel worried, sad and, some of them, angry with themselves for not using condom. Apparently, they gradually become happier and cheerful about paternity. They mention as qualities of a good father: to be the head of the family, to work, to be the provider and to look after the child. As to the living process of the adolescent, we could see that most of them do not feel prepared enough for paternity and in need of help to take the role of father. All of them mention looking up to a male figure as a source of preparation. As main positive points for the performance of a father, the adolescents pinpoint family support, having a job and living with the partner. While as a setback, they mention lack of job, low income, being afraid of not taking care of the child, dropping school and, in one of the cases, lack of family support. In terms of changes in the adolescents’ lives since paternity, they claim the early insertion in the job market, increased responsibility with the child and the partner, being away from friends, not going to parties, and, mainly, moving in with the child and the partner. We conclude that the nursing professionals must be aware of their roles in order to guide and take care of the new father in this mission of being an adolescent father and raising his children, by setting assistance guidelines consistent with the profile of this user of the health services.

Key Words: Pregnancy in Adolescence. Paternity in Adolescence. Nursing.

RESUMEN

RUIVO, Pablo Vitorio Annunziato. Representaciones sociales de padres adolescentes a cerca del facto de "ser padre" en la adolescencia. 2010. 88 f. Disertación (Mestrado en Enfermería). Programa de Postgrado en Enfermería, Universidad Federal del Rio Grande. Rio Grande.

Este estudio tiene por objetivo conocer las representaciones sociales de padres adolescentes a cerca de "ser padre" en la adolescencia. Se tratade uma investigación cualitativa realizada em el primero semestre de 2010 en el Hospital Universitario Dr. Miguel Riet Corrêa Jr., en el Rio Grande del Sud. Tuve como referencial teorico la Teoría de las Representaciones Sociales. Fueran participantes 12 padres adolescentes conidades entre 17 y 19 años. La coleta de dados fue hecha a través de entrevistas casi estructuradas y la análisis tecnica del Discurso del Sujeto Coletivo. Los dados generaran representaciones a cerca del uso de métodos anticonceptivos por el padre adolescente, las reacciones y sentimientos de padre adolescente, ante al diagnóstico del embarazo, de las cualidades de un bueno padre y del vivir del padre adolescente, al partir de la paternidad. Los principales métodos anticonceptivos conocidos y que los adolescentes tienen acceso como píldora y condón. Mientras si percibi que muchos los utilizan de manera inadecuada. Unos utilizan en el início de la relación, pero con el tiempo dejan de hacerlo. El controlde la natalidad, aún es responsabilidad de la mujer. Si referi que el embarazo no fue planeada, ocurrió por negligencia o accidente. Despues del primero impacto terminan por aceptar la el embarazo y asumen la responsabilidad por los hijos. En relación a los sentimientos del padre adolescente delante la información de la del embarazo, se verifica que en início pueden presentarse desconfiados y descreídos de la veracidadde esto diagnóstico para luego en seguida presentarse preocupados, tristes y algunos con rabia de si mismos por no teneren usado preservativos. Si percibi que con el tiempo quedan felices y contentos con la paternidad. Narran que las cualidades de bueno padres de familia son ser jefe de familia, trabajara, ser el proveedor y cuidar del hijo. En relación al proceso de vivir adolescente, se comprueba que la mayoría no tiene preparación para el ejercicio de la paternidad y necesitan ayuda para asumir lo papel de padre. Todos hablan en seguir una figura masculina como fuente de preparo. Como principales facilidades a la ejecución de la paternidad, los adolescentes apuntan el apoyo dela familia, tener um empleo y vivir con la compañera. Como dificultades mencionam lafalta de empleo o la baja remuneración, o miedo (temor) de no saber cuidar del hijo, la interrupción del proceso de estudio y, en uno de los casos, la falta de apoyo familiar. Cuanto a las mudanzas ocurridas en la vida del adolescente, al partir de la paternidad, citan el ingreso en el mercado trabajo, la ampliación de la responsabilidad ante al hijoy la compañera, el alejamiento de las amistades, dejar de ir a las fiestas y con primacía, mudar de casa para morar con el hijo y la compañera. Si concluye que los profesionales de enfermería deben estar consciente de su papel de orientar el nuevo padre en la misión de ser padre adolescente y crear el hijo a través de estrategias asistenciales coherentes con el perfilde esto usuario de los servicios de salud.

Descriptorios: Embarazo en la Adolescencia. Paternidad en la Adolescencia. Enfermería.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 ADOLESCÊNCIA.....	14
2.2 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.....	16
2.3 PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA.....	19
3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	23
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	27
4.1 TIPO DE ESTUDO.....	27
4.2 LOCAL DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO.....	27
4.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO.....	28
4.4 MÉTODO DE COLETA DOS DADOS.....	28
4.5 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	29
4.6 ASPECTOS ÉTICOS.....	31
5 REPRESENTAÇÕES DO PAI ADOLESCENTE ACERCA DO SER PAI NA ADOLESCÊNCIA.....	32
5.1 O USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS PELO PAI ADOLESCENTE.....	32
5.2 REAÇÕES E SENTIMENTOS DO PAI ADOLESCENTE FRENTE AO DIAGNÓSTICO DA GRAVIDEZ.....	40
5.3 QUALIDADES DE UM BOM PAI	47
5.4 O VIVER DO PAI ADOLESCENTE A PARTIR DA PATERNIDADE.....	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	84
APÊNDICE B - ROTEIRO DE COLETA DE DADOS.....	85
ANEXO – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA NA ÁREA DA SAÚDE - CEPas.....	86

1 INTRODUÇÃO

Ao final do curso de graduação em Enfermagem e Obstetrícia, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, passei a me interessar pelos temas que envolviam crianças e adolescentes, com maior ênfase ao segundo, fato que se iniciou quando cursei as disciplinas de Assistência de Enfermagem à Criança e ao Adolescente I e II. Estas me proporcionaram o contato e a assistência direta e integral com essa população.

Buscando solidificar meus conhecimentos, tornei-me membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem e Saúde da Criança e do Adolescente (GEPESCA/FURG). Neste grupo, junto com os demais integrantes, passei a desenvolver o pensamento crítico acerca desta temática, realizando estudos e pesquisas que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. Concluí, através dos encontros semanais, proporcionados pelo GEPESCA/FURG, que a paternidade na adolescência faz parte da realidade de um significativo número de adolescentes brasileiros e que é bem mais comum do que eu imaginava.

Para ingressar no curso de Mestrado em Enfermagem, resolvi, então, desenvolver um projeto sobre esta problemática. Ao iniciar a revisão da produção científica disponível, deparei-me com uma escassez, com relação a publicações realizadas por Enfermeiros. A maioria dos estudos encontrados foi realizada por profissionais de outras áreas, tendo a Psicologia como maior produtora dos estudos. (ABREU; SOUZA, 1999; PICCININI et al, 2004; LEVANDOWSKI; PICCININI, 2004; TELLES, 2007).

Tornou-se, então, evidente a relevância em realizar um estudo acerca da paternidade na adolescência, a fim de construir novos saberes, de forma a contribuir para o crescimento do conhecimento da profissão e de subsidiar estudos futuros, assim como a solidificação dos meus conhecimentos nesta área. No Brasil, segundo Costa et al (2005), os altos índices de gravidez na adolescência têm preocupado profissionais da área da saúde, assim como diferentes segmentos sociais. Entretanto, a maior parte dos estudos aborda as questões relacionadas ao sexo feminino, possivelmente, resultado da influência sócio-cultural, na qual a mulher é considerada a principal responsável pela gestação e cuidado com a criança.

Pouca atenção tem sido dada ao pai adolescente. Isto fica evidente na afirmação de Levandowski (2001, p. 196) de que o “pai parece ter sido esquecido, por muito tempo, como figura importante para o desenvolvimento psicológico da díade mãe-criança”. Corrêa (2005) refere que o não lugar da paternidade seria decorrente do fato de que, em nossa sociedade, o adolescente ocupa o papel de filho na família, sendo difícil entendê-lo exercendo o papel de pai.

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano, em que ocorre uma série de

transformações, tanto no âmbito físico quanto no emocional e social. (MOTTA et al, 2004). Atualmente, a gravidez na adolescência, fenômeno observado em grande parte das cidades brasileiras, é uma das ocorrências mais preocupantes decorrentes de relacionamento sexual na adolescência.

O aumento na incidência e os possíveis problemas associados justificam a preocupação com a gravidez adolescente, a ponto de ser considerada um problema de Saúde Pública. Segundo Ballone (2003), no Brasil, a cada ano, cerca de 20% das crianças que nascem são filhos de adolescentes. A partir dos anos 80, começa-se a observar um crescimento relativo nas taxas de fecundidade do grupo composto por mulheres de 15 a 19 anos, cujos índices ganham peso quando comparados ao concomitante decréscimo nas taxas do grupo etário de 20 a 24 anos. (CAMARANO, 1998).

No município do Rio Grande, estes dados não são muito diferentes dos do resto do país, comprovando essa incidência, mas ao mesmo tempo indicando uma pequena, porém significativa redução dos mesmos. No ano de 2008, o Hospital Universitário Miguel Riet Corrêa Jr. (HU), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), registrou a ocorrência de 219 partos em adolescentes. Desse total, 154 foram realizados com intervenção cirúrgica.

“Os estudos demográficos têm demonstrado que no Brasil, nos últimos anos, houve um aumento da taxa específica de fecundidade e uma elevação relativa de nascimentos em mulheres de 15 a 19 anos, em contraste com a tendência revelada em outros grupos etários”. (DIAS; AQUINO, 2006, p. 1447).

O Brasil (1996) refere que o número de partos de adolescentes pelo SUS no país caiu mais de 22% na segunda metade da década passada. Entre 2000 e 2009, essa queda foi de 34,6%. Apesar dessa importante diminuição estatística no número de partos muito ainda precisa-se fazer para que a gravidez na adolescência deixe de ser considerada um problema de saúde pública no Brasil.

Na região Sul, no ano 2000, foram registrados 81.530 partos de adolescentes; em 2005, 63.677; e em 2009, 51.781; totalizando uma variação de -36,50% entre os anos de 2000 e 2009, mostrando um decréscimo no número de partos; mas são números, ainda, significativos. No Rio Grande do Sul, em 2000, foram registrados 30.267 partos de adolescentes; em 2005, 23.345; e em 2009, 17.837; totalizando uma variação entre os anos de -41,07%. Isso mostra que, em nosso Estado, a redução do número de partos de adolescentes foi maior que a redução na região Sul.

Embora os dados epidemiológicos revelem queda nas taxas de fecundidade geral no país, a análise dessa por faixas etárias específicas indica um significativo aumento no intervalo etário compreendido entre as mulheres mais jovens (15 a 19 anos) sendo a adolescência a fase

mais vulnerável ao seu acontecimento. Assim, ainda são necessárias ações educativas efetivas para que a gravidez adolescente se dê como uma prática autônoma.

A gravidez, nessa etapa da vida, muitas vezes é inesperada, pode provocar desorganização na vida do adolescente e de sua família. Ele nem sempre está preparado física e emocionalmente para enfrentar a gravidez e o cuidado de um recém-nascido. (MOTTA et al, 2004). Ferreira (2006) diz que as medidas de prevenção não devem ficar restritas à informação sobre métodos contraceptivos, mas também devem abordar questões relacionadas à formação da identidade das jovens, incluindo a descoberta de habilidades profissionais, para que, dessa forma, essas iniciativas se tornem mais eficientes.

Segundo Motta et al (2004), as mães adolescentes, em sua maioria, procuram apoio de sua família em situações de auxílio nos cuidados iniciais do bebê, pois manifestam medo de realizá-los, delegando-os a outros familiares ou a pessoas próximas. Além disso, a chegada de um bebê altera não só a dinâmica da família, mas também os modos de enfrentamento da situação, interferindo nos projetos de vida do casal.

Em relação ao pai adolescente, Levandowski e Piccinini (2004) relatam que a paternidade na adolescência constitui-se em uma situação complexa, uma vez que leva o adolescente ao enfrentamento de dois processos impactantes: a adolescência e a paternidade. Ser adolescente implica em um processo de busca da consolidação de uma identidade própria, da experimentação de papéis sociais e sexuais, da ampliação do mundo social e da busca de independência dos pais. (HILL, 1980; OUTEIRAL, 1994; NUNES, 1998). Essa busca consolida-se a partir da vivência de oportunidades para a tomada de decisões, nas quais exercita sua autonomia e experimenta o aumento gradual da responsabilidade sobre os seus atos, desenvolvendo-se, assim, cognitivamente, emocional e socialmente, preparando-se para assumir as tarefas da vida adulta.

Por sua vez, para Teti e Lamb (1986) e Nunes (1998), a paternidade implica assumir responsabilidades sobre escolhas de vida afetivas e laborais, restrição da liberdade, reclusão ou maior fechamento no grupo familiar e manutenção do vínculo de dependência com os pais. Dessa forma, abreviando o período de vivência da adolescência por esse pai e acelerando a consolidação de sua identidade e o seu amadurecimento.

Frente à gravidez na adolescência, observa-se que a maioria das estratégias implementadas pelos serviços de saúde são voltadas exclusivamente para a saúde da mulher, ficando o homem sem o atendimento de suas necessidades, num momento tão importante. Acredito que isso se deva ao fato de que, na grande maioria, o pai adolescente é retratado de forma negativa. Muitas vezes, fica afastado do processo da gravidez, parto e puerpério.

Instrumentos oficiais de informação, como o Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística – IBGE, e o Sistema Nacional de registro de Nascidos Vivos – SINASC, não contemplam dados que permitam conhecer as características sociodemográficas dos homens. (COSTA et al, 2005). Em seu estudo acerca da paternidade na adolescência Takiuti (2001) afirma que os adolescentes correspondem a cerca de 30% dos responsáveis pela gestação de adolescentes.

Os adolescentes do sexo masculino vêm procurando cada vez mais o serviço público de saúde no intuito de solicitar os preservativos. A prioridade é para que o rapaz seja envolvido em outras ações, inclusive nas situações de gravidez da parceira ou da namorada, sendo estimulado a acompanhar o pré-natal e o parto, participando do dia-a-dia da companheira e cuidando da própria saúde, explica Thereza de Lamare, Coordenadora do Programa de Saúde do Adolescente e do Jovem, do Ministério da Saúde. (BRASIL, 1996).

Percebe-se a existência de vários fatores que interferem na construção e vivência da paternidade pelo adolescente. É comum, na presença da gravidez, a adolescente ser abandonada por seu companheiro. Muitas vezes, é a própria mulher que não permite que ele participe mais ativamente, não valorizando sua competência como pai e cuidador. Levandowski e Piccinini (2004) referem que muitas das diferenças entre adolescentes e adultos devem-se mais a fatores sociais e econômicos do que devido à idade do pai. Na grande maioria, os adolescentes envolvem-se de forma bastante ativa no desempenho do papel paterno, trazendo benefícios diretos para o bebê.

As consultas de pré-natal para adolescentes, realizadas no Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. (HU), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), criam um espaço alternativo que possibilita às mães discutirem questões relativas ao seu processo de aprendizagem, integração, assistência, ensino-aprendizagem e pesquisa, visando o bem-estar pessoal e do feto. No entanto, na maioria das vezes, as gestantes não se fazem acompanhar nas consultas por seus companheiros. Dessa forma, esses deixam de receber orientações técnicas/específicas para auxiliar a si ou a sua companheira durante o período de gravidez.

É fundamental que se compreenda melhor esse fenômeno para que se possa implementar políticas de Saúde Pública tanto de prevenção como de atendimento aos adolescentes, protegendo assim não só jovens pais e mães, mas, sobretudo, o bebê. (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2004). Trindade e Menandro (2002), em um estudo realizado com pais adolescentes, concluíram que ser pai significa, principalmente, trabalhar para prover as necessidades da criança e também educar, dar carinho e atenção. O mesmo autor relata que a mãe caracteriza-se por ser aquela que cuida e dá carinho, sacrifica-se e é a figura mais importante na vida da criança.

Segundo Lyra (2006), os pais procuram contribuir com seu filho e a mãe. Essa ajuda, no

entanto, é muito informal, pois os pais adolescentes, de um modo geral, são vulneráveis economicamente, têm dificuldades para conseguirem emprego e possuem pouca formação escolar. Acredito que a compreensão integral da gestação abordando a maternidade e a paternidade como um todo e uma abordagem mais adaptada para o jovem casal, e não apenas para a mãe, pode possibilitar que as informações acerca dos cuidados na gestação, no parto e com o bebê sejam melhor assimiladas, criando novos valores de responsabilidade para ambos, ao mesmo tempo em que se estará gerando uma maior união.

Conforme Trindade e Menandro (2002), um ponto importante para o planejamento de pesquisas e ações que tenham como foco a gravidez adolescente é a revisão de concepções e valores em relação ao fenômeno, considerando toda a complexidade de aspectos a ele relacionados. Pode-se citar, como exemplos, o desenvolvimento e a expressão da sexualidade dos jovens, a construção e a valorização desigual dos papéis de gênero em nossa sociedade e a paternidade adolescente.

Realizar uma reflexão acerca da paternidade adolescente necessariamente remete à questão da gravidez na adolescência. (LEVANDOWSKI, 2001b). Discutir e investigar a temática da gravidez na adolescência, segundo Motta et al (2004), conduz, com certeza, à reflexão sobre os estereótipos estabelecidos e sedimentados por meio da cultura, dos hábitos, das crenças, dos valores, dos aspectos econômicos, entre outros. A adolescente não engravida sozinha; por isso é fundamental que os pais, independente da idade, participem de todo o processo e com os cuidados necessários que devem ser tomados durante e após a gravidez. Atualmente, pouco se sabe acerca da forma como pais adolescentes vêm vivenciando o processo da gravidez e da paternidade.

Nesse contexto, a questão que norteia esta pesquisa é: Quais as representações sociais de pais adolescentes acerca da paternidade na adolescência? A partir desta o estudo tem por objetivo conhecer as representações sociais de pais adolescentes acerca do “ser pai” na adolescência.

A nova perspectiva acerca da paternidade que surge na atualidade gera a necessidade da criação de novos conhecimentos, práticas e novas políticas sociais que ofereçam suporte para essa nova forma de exercer a paternidade. (CORRÊA, 2005). O conhecimento construído com este estudo poderá possibilitar um novo olhar para a compreensão da paternidade na adolescência e Enfermagem.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo aborda aspectos referentes à adolescência, à gravidez na adolescência e à paternidade na adolescência.

2.1 ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período especial na vida de todo ser humano. Segundo a OMS (2009), adolescente é aquele que tem entre 10 e 20 anos incompletos, sendo esta a definição utilizada neste estudo.

O processo de adolecer apresenta componentes genéticos e biológicos, que vão se alicerçando ao longo da vida do jovem. A vivência do adolescente e as suas necessidades são processos conduzidos ao longo de sua trajetória e é através desses aspectos que o jovem irá definir os seus diversos modos de vida.

‘Ser jovem é aproveitar a vida!’ significa inicialmente sair, namorar, ficar, divertir-se, paquerar, dançar e curtir. É ainda desfrutar a vitalidade dos anos, a sensualidade dos corpos, dos olhares e a sedução – pois faz parte da própria juventude/mocidade/adolescência ser atraente, sedutor em certa medida. (GONÇALVES; KNAUTH, 2006, p. 628).

Para os autores, o ser sedutor em certa medida está representado por ações como usar (consumir), investir (em si ou em algo) e tirar vantagem de uma situação (emprego, ficar, beijo) ou de alguém (por exemplo, pela esperteza). Apesar de dizer que o adolescente é aquele que sabe aproveitar a vida, para os autores “saber aproveitar a vida é reconhecer limites sociais e familiares, saber escolher até mesmo os parceiros, posicionar-se de modo mais aberto para o moderno e atual”. (GONÇALVES; KNAUTH, 2006, p. 628).

Conforme Mandú (2001), esse período da vida caracteriza-se por diversas transformações e o componente físico-corporal mesmo presente nas transformações próprias da adolescência não são decorrentes unicamente de um processo evolutivo e orgânico. A vida do adolescente e suas necessidades em saúde estão interligadas e pertencem aos processos produzidos pelas sociedades, variando conforme os indicadores econômicos, político-éticos, culturais, físico-ambientais e institucionais.

A idéia de que entre a infância e a fase adulta existe um período intermediário, com características próprias, é recente. Sua emergência está relacionada às transformações ocorridas no último século e seus impactos na organização do trabalho e nos comportamentos reprodutivos [...]. (VILLELA; DORETO, 2006, p. 2468).

A adolescência caracteriza-se por inúmeras mudanças corporais, psicológicas, sociais e, também, por descobertas, novas experiências, questionamentos, autoafirmação e concretização da identidade, além dos desejos e dos prazeres ligados à sexualidade. Devido a essas inúmeras novidades, são comuns os conflitos, as dúvidas e indagações. (BURNS; SANTOS, 2001; FONSECA, 2004).

Vergonhas, inseguranças, medos, estereótipos e preconceitos ampliam a vulnerabilidade de adolescentes a problemas relativos à sexualidade e reprodução, sobretudo quando essas vivências esbarram na falta de apoio familiar e social. (MANDÚ, 2001, p. 65).

Segundo Fonseca (2004) e De Latorre (2005), a adolescência é uma etapa marcada por inúmeras descobertas e transformações. Começam a ocorrer mudanças no corpo e, a partir daí, ansiedades, dúvidas e vontades vão emergindo. Nessa fase, tudo muda muito rápido e esse período é vivido de maneira intensa. Comumente, ocorrem variações no comportamento do adolescente que passa a elaborar e defender suas próprias opiniões.

Apresenta variações no humor, desenvolve a capacidade reprodutiva e luta pela construção de sua identidade pessoal. Por consequência, essas mudanças comportamentais geram o seu amadurecimento.

É comum, ao abordar-se a temática adolescente, salientar-se os aspectos negativos, como rebeldia, preguiça e teimosia. Dificilmente consideram-se as demais atividades diárias desenvolvidas por eles. A maioria estuda, trabalha, luta pela paz, opõem-se às injustiças e têm um grande potencial de amar. (FONSECA, 2004).

A adolescência pode ser considerada uma fase em que o desenvolvimento se dá-se através de inúmeras mudanças psicossociais, em que se pode destacar além do crescimento físico, a maturação sexual, emocional e social. (SANTOS, 2006; MOTTA et al, 2004). Observa-se, no entanto, que muitos adolescentes, ainda hoje, lançam-se às experiências sexuais sem considerar aspectos relevantes como a necessidade do uso de métodos contraceptivos que, além de evitar a gravidez, os protege das doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS. (BRUNS; SANTOS, 2001).

É importante lembrar que cada jovem vivencia a sua sexualidade de forma diferente com relação a si mesmo, à sua responsabilidade e à capacidade de responder pelos seus próprios atos influenciados pela sociedade na qual está inserido. É nessa fase que, principalmente, ocorre a solidificação e o desenvolvimento físico, emocional, afetivo e psíquico que varia de jovem para jovem, fazendo com que cada adolescente vivencie essa fase de forma diferenciada. (TRINDADE; BURNS, 1999).

Neste sentido, Luz e Berni (2010) referem que a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano, carregada de transformações, oportunidades, crises, desordens e

problemas sociais, e a forma como cada jovem percebe e compreende a influência dessas transformações no seu cotidiano, pode determinar o seu comportamento. Verifica-se, nessa fase, comportamentos e atitudes que levam os adolescentes a correrem riscos, comprometendo sua saúde e aumentando sua vulnerabilidade. (JUNDI, 2009).

2.2 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A sexualidade faz parte da vida de todo ser humano, o qual tem garantido o seu livre exercício, como o de reprodução de forma saudável e segura. Conforme Fonseca (2004), compreender o modo de viver a sexualidade está diretamente relacionado às concepções que cada adolescente tem acerca da mesma e de como irá exercê-la. Atualmente, vigora a noção de centralidade do indivíduo e de autonomia da “tradição moderna” ocidental, difundindo uma concepção de adolescência que prioriza a individuação e a experimentação da autonomia e da liberdade. Neste contexto, observa-se um aumento no número de gravidezes na adolescência. (VENTURA; CORRÊA, 2006).

Gonçalves e Knauth (2006) referem que as aparições sociais sobre o comportamento estão relacionadas com as consequências que ele possa provocar. O conteúdo do que se deve aproveitar na juventude também está inserido na própria discussão gerada nos meios público e científico sobre a precocidade da gravidez na adolescência, isto é, quando ela não deveria acontecer. Ou seja, ao exercitar sua autonomia e liberdade, deveriam ter tido “cuidado”, ter sido capazes de “evitar” – o que reforça a idéia de imaturos, impulsivos e inconsequentes, atributos aceitos como próprios da juventude.

Verifica-se, assim, que, apesar do discurso acerca dos direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes, quando em vista dessa autonomia e liberdade, a gravidez ocorre, ela se torna um problema, pois a gravidez adolescente enfatiza o lado oposto, de vinculação com compromissos: filho, companheiro, casa e cônjuge. Se a juventude deve ser aproveitada, então o jovem não deve assumir “compromissos” como gastos com filhos, aluguel, deveres com marido/esposa, emprego, contas ou dívidas. (GONÇALVES; KNAUTH, 2006).

Verifica-se que a prática sexual de adolescentes é cada vez mais precoce. A primeira relação sexual na adolescência ocorre, geralmente, quando ainda são imaturos, buscam uma compensação afetiva, estão construindo sua identidade e são fortemente influenciados pelos demais jovens com quem convivem. Villela e Doreto (2006) referem que, entre os jovens que

iniciam sua vida sexual entre os doze e os dezessete anos, 61% são rapazes e 39% moças, mostrando uma maior liberação sexual entre os meninos.

A iniciação da vida sexual de adolescentes e jovens marcou a década de 1990 e, conseqüentemente, o rejuvenescimento da fecundidade no Brasil. Em 1980 cabia às mulheres de 25 a 29 anos o maior número médio de filhos dentre grupos etários na faixa reprodutiva. Em 1991 e mantendo-se em 2000, ocorreu o primeiro deslocamento para o grupo mais jovem, de 20 a 24 anos. (BRASIL, 2006).

Estima-se que, no país, um milhão de adolescentes dão à luz a cada ano, o correspondendo a 20% do total de nascidos vivos. Outro dado relevante é a incidência mundial de que a cada década cresce o número de partos realizados em meninas cada vez mais jovens. (SANTOS; SILVA, 2000). Por esse motivo, a gravidez na adolescência vem sendo encarada como um importante problema de Saúde Pública no país, o que vem levando o governo brasileiro a estabelecer novas formas de prevenção e controle em diversas instituições ligadas aos jovens.

As intercorrências clínicas relacionadas à gravidez na adolescência referem um aumento da prematuridade, da mortalidade neonatal e de recém-nascidos com baixo peso. Conforme Mandú (2000), outros aspectos que podem ser relacionados com a gravidez nessa fase da vida são a evasão escolar do adolescente, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, a diminuição do padrão de vida, a desestruturação familiar, entre outros.

Entre adolescentes, a gravidez apresenta várias características e peculiaridades, não repercutindo da mesma forma para todos. (VILLELA; DORETO, 2006). A gravidez, a gestação e o nascimento significam, para o jovem casal, fases de grandes mudanças e incertezas que se tornam mais visíveis conforme o momento do parto se aproxima.

Segundo Trindade (2005), a gravidez na adolescência está diretamente relacionada à forma como adolescentes vêm praticando o sexo. O autor destaca os fortes estímulos de propagandas, novelas, filmes, músicas e danças populares como incentivadores dos jovens para o sexo. (TRINDADE, 2005).

A maioria dos estudos acerca da gravidez na adolescência é de caráter demográfico, psicossocial e epidemiológico com foco centrado nas mulheres, o que reforça a pouca visibilidade social do parceiro masculino no desempenho da reprodução. (TRINDADE, 2005, p. 32).

Os maiores índices de gravidez na adolescência mostram-se mais presentes nas classes brasileiras economicamente menos favorecidas e com menor escolarização. Esses dados indicam uma dificuldade na obtenção de informações acerca dos métodos contraceptivos e seus insumos pelos adolescentes. Vale ressaltar que apenas a informação não é garantia para a eficácia na contracepção. (VILLELA; DORETO, 2006). É necessário que tenham, também,

acesso aos métodos contraceptivos sem discriminação.

Conforme Burns e Santos (2001), no Brasil, a sexualidade pode ser exercida pelo adolescente desde que ocorra de forma sigilosa. As práticas sexuais, na sua maioria, ocorrem de forma clandestina e não planejada, delegando ao parceiro o cuidado com a própria vida, submissão aos desejos, excessivas preocupações com relação ao ato e desempenho sexual, inibições para o diálogo e negociação com o parceiro para a satisfação de desejos, preocupações e cuidados. (MANDÚ, 2001). Esse comportamento expõe os adolescentes a várias e graves consequências, muitas vezes, anteriormente inimaginadas como as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e, entre elas, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

No que tange à responsabilidade paterna, não é possível condenar os pais ou responsáveis pela não educação dos filhos no que diz respeito à sexualidade. É importante levar em conta toda a bagagem do jovem e entender que a sua sexualidade é construída social, histórica e culturalmente ao longo de sua vida. (BURNS; SANTOS, 2001). A falta de informação, imaturidade e desconhecimento físico-corporal pode acarretar em exposições desnecessárias frente a agentes patológicos, pois os adolescentes sozinhos, na maioria das vezes, podem sentir-se inibidos na busca por recursos para prevenir-se de doenças ou tratar as já adquiridas.

Inúmeros serviços de saúde encontram-se despreparados para o trabalho com adolescentes, para a atenção às peculiaridades e complexidades das suas necessidades. Faltam espaços e suporte apropriados às suas demandas, seja no campo da orientação, proteção ou recuperação da sua saúde sexual e reprodutiva. (MANDÚ, 2001, p. 65).

Analisar a gravidez de adolescentes como um problema e buscar a educação coercitivamente visando a sua prevenção, através dos métodos contraceptivos ou das práticas comportamentais restritivas, é negar o direito de escolha e o exercício da responsabilidade social e dos setores de saúde. (LYRA-DA-FONSECA, 1997; MANDÚ, 2000). A principal estratégia deveria ser justamente o oposto, proporcionando e estimulando práticas seguras e responsáveis para que os adolescentes tenham consciência dos seus atos e da repercussão dos mesmos para suas vidas e para com o meio social em que se encontram inseridos, levando assim a uma maternidade e paternidade consciente e responsável.

É importante levar em conta que os adolescentes vivem uma fase de experimentações de forma generalizada e a iniciação sexual faz parte dessa fase, podendo muitas vezes levar à gravidez, planejada ou não. Quando essa ocorre, poderá trazer intensa mudança na vida do jovem casal.

2.3 PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Durante a realização deste estudo, verificou-se que poucos autores tiveram por objetivo dar voz aos pais adolescentes. Segundo Lyra-da-Fonseca (1998), a existência de um silêncio social em relação à paternidade na adolescência ainda ocorre, pois a sociedade não oferece ao adolescente uma estrutura que favoreça o exercício da paternidade, dificultando o desempenho desse papel, talvez, por considerá-lo não apropriado para esse momento de sua vida. Talvez, esse não lugar da paternidade nessa etapa da vida seja decorrente do fato de que, em nossa sociedade, o filho ainda é percebido como sendo da mãe e ao fato de o adolescente ser reconhecido, sobretudo, no papel de filho. (CORRÊA, 2005).

Durante milênios, a gravidez, o parto e a maternidade existiam apenas como uma extensão do universo feminino, não sendo possível compreender a participação dos homens nele, a não ser como procriadores, provedores e possuidores de uma descendência. (JONES, 2006). Guimarães (2001) e Lima (2002) referem que a mulher ainda é considerada a principal responsável pela gestação e cuidado com a criança.

Em relação à paternidade na adolescência, Paiva, Caldas e Cunha (1998) apontaram que 70,0% dos companheiros das adolescentes grávidas de seu estudo eram, também, adolescentes, mostrando uma forte relação da gravidez na adolescência com a paternidade na adolescência. A paternidade na adolescência corresponde ao fato de um indivíduo tornar-se pai antes de completar 20 anos de idade. (REIS, 1987).

A gestação e o nascimento na adolescência constituem, para o jovem casal, uma etapa de grandes modificações, com transformações e incertezas para ambos, além da aquisição de novos papéis e responsabilidades anteriormente inexistentes. A paternidade nessa etapa da vida pode ser considerada como permeada por conflitos determinados pela nova situação em que o jovem se encontra, relacionada diretamente com o filho, a casa e os demais membros da família. (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007).

Meincke e Carraro (2009) referem que a paternidade na adolescência é vivenciada de acordo com a cultura e, geralmente, está embasada em valores e sentimentos das famílias, os quais foram construídos ao longo das gerações. As questões emocionais, culturais e religiosas nos familiares, “permeiam a vivência da paternidade como uma experiência desejada ou não desejada, a qual irá determinar como será estabelecida a relação entre o pai adolescente, sua companheira e seu (a) filho (a)”. (MEINCKE; CARRARO, 2009, p. 90).

No que tange à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, o Programa de Saúde do Adolescente (BRASIL, 1996) propõe ações educativas voltadas à prevenção da gravidez

indesejada e à assistência pré-natal em nível ambulatorial. Os serviços de saúde que prestam assistência à gravidez adolescente, em geral, são voltados, para o atendimento às adolescentes mulheres. Em relação ao pai adolescente, Levandowski, Piccinini (2004) relatam que é comum, quando a adolescente engravida, todos os olhares dos profissionais de saúde e as políticas públicas de saúde voltarem-se para a mulher grávida. No entanto, ao adolescente “grávido” pouca atenção tem sido dispensada. Parece que o mesmo fica, ainda, dissociado no processo gravídico puerperal.

Neste sentido, Corrêa e Ferriani (2006) referem que as políticas de saúde, ainda hoje, não vêm sendo estruturadas de forma a inserir o pai adolescente na assistência pré-natal, parto e pós-parto. Para os autores conceber a paternidade na adolescência como parte integrante do processo gestacional favoreceria o surgimento de serviços que prestassem atendimentos a questões gerais que envolvem a vida de adolescentes homens.

Tendo como base as desigualdades de gênero, os direitos e deveres dos homens e mulheres são diferentes frente a paternidade e maternidade, já que as mulheres são responsabilizadas pela reprodução, cuidado e educação dos filhos; e dos homens, ainda hoje, espera-se que realizem o sustento financeiro e o comando da família, apesar de, em muitas situações, este ficar, também, a cargo da mulher. (MANDÚ, 2001).

Outro fato comum nas questões relacionadas à gravidez entre adolescentes é o de que ainda vigora uma concepção de paternidade na adolescência vista, muitas vezes, como inconsequente e descomprometida. Os pais adolescentes mais facilmente procuram fugir da responsabilidade pela gestação, ou quando a assumem apenas cumprem as suas responsabilidades legais, não exercendo, de fato, o cuidado ao filho. Em relação às jovens, a concepção é oposta. Na sua grande maioria, essas assumem a maternidade, mesmo em casos onde a gravidez foi indesejada. Tendo em vista a relação heterossexual e o envolvimento de uma gravidez, planejada ou não, na maioria das vezes, a responsabilidade fica por conta da mulher, fato corroborado não só pelo senso comum como também pela literatura, quando afirma que se tem dedicado mais à maternidade que à paternidade. (TRINDADE; BURNS, 1999).

Ao contrário do relatado por estes autores, atualmente, temos evidenciado que essa concepção vem, frequentemente, sendo refutada, tendo em vista que diversos pais adolescentes assumem seus filhos querendo desempenhar o papel de pai conforme suas características e singularidades sendo apoiados, na maioria das vezes, por suas famílias. Verifica-se, assim, que a paternidade é um processo em constante construção, que se dá através das interações. (MEINCKE; CARRARO, 2009).

É comum que os adolescentes acabem aceitando a gravidez quando é indesejada e com isso passem a modificar de forma radical a sua rotina de vida, aceitando as responsabilidades do

processo reprodutivo. É comum encontrar a focalização das consequências da gravidez entre adolescentes nas diferenças sociais, esquecendo que essas complicações encontram-se já inseridas no cotidiano desses jovens. Atualmente há um sentimento de que, quando um rapaz torna-se pai muito jovem, estaria com isso deixando de aproveitar as oportunidades que o mundo lhe oferece, como trabalho, estudo e diversão. Isso comprova-se quando o mesmo deixa de estudar para, então, desempenhar alguma atividade remunerada para sustentar sua família.

Vale lembrar que, apesar disso, nem todos os adolescentes interrompem definitivamente a sua formação intelectual ou profissional devido ao fato de se tornarem pais. No entanto, nem todos os jovens que têm filhos, devido ao seu pouco preparo e escolarização, conseguem uma inserção qualificada no mercado de trabalho. (VILLELA; DORETO, 2006).

A gestação e o nascimento constituem, para os pais, transformações e incertezas que acompanham seus novos papéis e responsabilidades. Esses papéis e responsabilidades que passam a ser desempenhados anteriormente não faziam parte do seu cotidiano. (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007). Por esse motivo, muitos adolescentes, por não saberem lidar com a situação, fogem de sua responsabilidade frente à companheira ou ao bebê, ou apresentam grande dificuldade de assumir esse novo papel necessitando de apoio para fazê-lo.

Durante a gravidez, tanto o homem como a mulher, deixam de ser filhos para se tornarem pais e mães vivenciando essa transição com expectativas, anseios e temores. (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007). No entanto, o comportamento masculino, no ciclo grávido-puerperal não recebe destaque, comparado ao seu comprometimento sócio-econômico de proteger, cuidar e manter a família.

Abreu e Souza (1999) ao estudarem o fenômeno da espera do parto por pais adolescentes verificaram que eles ainda acreditam que à mulher cabe o encargo de cuidar da casa e dos filhos, e aos homens o sustento do lar. Como muitos não se encontram aptos para cumprir esse papel, a gravidez pode ser um motivo de grande ansiedade para eles, comprometendo sua autoestima. Conforme os autores, a paternidade constrói-se na medida em que o homem participa da gravidez e percebe o crescimento da barriga da companheira. No entanto, Freitas, Coelho e Silva (2007), referem que, muitos homens, só se sentem pais após o nascimento do seu filho.

Historicamente, no passado, os homens tinham pouca participação no cuidado direto de seus filhos. Muitas vezes seu papel consistia em dar apoio à mulher nessa tarefa ou servir de exemplo de autoridade na família. Essa realidade, no entanto, vem se modificando. Os homens, cada vez mais, têm procurado participar da criação de seus filhos realizando cuidados que até pouco tempo competiam só às mulheres.

Estudos recentes utilizam uma nova categoria, denominada “Novo Homem”, a qual

designa o pai, como homem, deixando de enfatizar a palavra pai, conforme sua participação frente ao seu filho. O pai surge quando o homem ocupa-se de forma diária com os seus filhos e todas as influências sociais e culturais que podem ser englobadas nessa atividade, sendo essa a grande diferença do pai para o homem. (ABREU; SOUZA, 1999).

Em estudo que objetivou verificar como os pais adolescentes vivenciam a gravidez, desenvolvido por Bornhould, Wagner e Staudt (2007), foi verificado que os jovens de sexo masculino manifestam o desejo de uma maior proximidade e participação durante a gestação e o desenvolvimento de seus filhos. Outro aspecto encontrado por estes autores é o de que os jovens pais mencionaram uma maior facilidade das mulheres no cuidado com os filhos, como uma habilidade natural feminina, inata. O resultado mais relevante obtido no estudo é o de que os pais dos dias de hoje estão refletindo e questionando a paternidade, assim como seus valores e definições, abrindo a possibilidade de uma nova forma de vivenciar esse papel.

Para finalizar, acredito que tanto a paternidade como a maternidade devem ser vistas e exercidas como responsabilidade do casal. No que tange à participação do pai adolescente durante a gestação e o parto, é necessário que seja mais explorada de forma a possibilitar a integração do casal, favorecendo a liberdade e a coerência de suas decisões.

3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O referencial teórico escolhido para alicerçar este estudo foi o da Teoria das Representações Sociais (RS). Os fundamentos das Representações Sociais alicerçaram-se na psicologia, mais especificamente na psicologia social, através da teorização proposta pelo psicólogo social romeno, Serge Moscovici e aprofundada posteriormente por Denise Jodelet. (ARRUDA, 2002). Telles (2007) refere que a RS iniciou em 1961, na França, através de uma nova abordagem do conceito das Representações Coletivas (RC) de Durkheim (1989). Esse tinha como concepção que os fenômenos coletivos não podiam ser explicados olhando apenas o indivíduo, porque eram produtos do meio social, da comunidade ou de um grupo.

Inspirado no conceito de Durkheim, e acreditando que o modelo de sociedade utilizado mostrava-se muito tradicional e, ao mesmo tempo, estático e inapropriado para as sociedades modernas e dinâmicas, Serge Moscovici realizou um estudo sobre as representações sociais e a psicanálise, originando a Teoria das Representações Sociais. Essa, não tinha o intuito de anular ou desmerecer as Representações Coletivas de Durkheim, mas sim servir como outro instrumento para analisar os fenômenos através de uma outra abordagem.

Moscovici iniciou preservando o conceito de representação e substituiu o conceito de “coletivo” das RC, devido ao seu caráter mais estático e positivista, pelo termo “social”. Para o autor “...o que eu proponho é considerar como um fenômeno o que antes era visto como um conceito”. (MOSCOVICI, 2007, p. 45).

O que motivou Moscovici a desenvolver as Representações Sociais dentro de uma metodologia científica foram suas divergências com as outras teorias que não buscavam explicações em outras dimensões da realidade. Esse fato se deve à utilização da psicologia social em utilizar-se das Representações Sociais no âmbito do seu campo de objeto e estudo, relação entre indivíduo e sociedade. (ALEXANDRE, 2004). Conforme Telles (2007), a RS passou a ter maior aceitação nos anos 80, quando se popularizou o seu uso em vários estudos. Durante esse período, ela passou por reformulações, adaptações, críticas e análises por vários pesquisadores.

As representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas em qualquer momento, como consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social. (MOSCOVICI, 2007). Segundo Moscovici (2007, p. 10), “as representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano.” Para realizarmos uma pesquisa através das RS, é

importante que se conheçam as condições e o contexto em que os sujeitos se encontram através de uma análise contextual aprofundada. (FRANCO, 2004). Apenas através do conhecimento do sujeito como um todo é que se torna possível explicar os fenômenos a partir de uma perspectiva coletiva, sem abandonar a sua individualidade pessoal.

A teoria das Representações Sociais também pode ser conhecida como a “teoria do senso comum”, por basear-se nas construções sociais do cotidiano, produzindo conhecimento; porém, cabe ressaltar que: não é todo conhecimento que pode ser considerado representação social, mas somente aquele que faz parte da vida cotidiana das pessoas, através do senso comum, que é elaborado socialmente e que funciona no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. (ALEXANDRE, 2004).

O conhecimento do senso comum é socialmente compartilhado e elaborado a partir de um conteúdo simbólico e prático, contribuindo para a construção da realidade de um conjunto social. O termo representação social deveria ser reservado ao conhecimento particular que tem por função exclusiva a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos no quadro da vida cotidiana. (MOSCOVICI, 2007).

A natureza das RS é convencional e prescritiva. Convencional, ao enquadrar os acontecimentos, os objetos e as pessoas em determinadas categorias, gradualmente transformando-os em modelos de determinados tipos, diferentes de outros e partilhados por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos juntam-se a esse modelo e sintetizam-se nele, “mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequa exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser compreendido, nem decodificado”. (MOSCOVICI, 2007, p. 34).

As representações sociais são impostas ao ser humano; são transmitidas de geração a geração, alterando-se no decorrer do tempo. Sendo assim, não se pode dizer que são cópias da realidade. Arruda (2002) refere que não é nem uma instância intermediária que transporta o objeto para perto/dentro do espaço cognitivo, mas um processo que torna conceito e percepção intercambiáveis. As representações que se tem de algo nem sempre estão relacionadas com a maneira segundo Moscovici (2007), pelo fato delas serem impostas e transmitidas sobre as pessoas; portanto, são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e ao longo de sucessivas gerações.

Conforme Jodelet (1989), a RS deve estudar o indivíduo na sua completude e integralidade através dos elementos afetivos, mentais e sociais, integrando linguagem, comunicação, relações sociais e a realidade material e social. Como conceito, se estabelece como um conhecimento prático e partilhado socialmente, tendo como função compreender e dominar o ambiente. “O conceito de representação social designa uma forma de conhecimento

específico, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente caracterizados. Em sentido mais amplo designa uma forma de pensamento social”. (JODELET, 1989, p. 36).

Para Moscovici (2007), a representação envolve uma modalidade de conhecimento particular que circula no dia-a-dia, e que tem como função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos, criando informações e familiarizando-os com coisas e situações consideradas estranhas de acordo com a informação e formação cultural. Na teoria das Representações Sociais, o ser humano constitui-se como um sujeito ativo na sociedade, salientando-se na comunicação, na interação e nas relações pessoais que produz no seu cotidiano, sendo que as construções mentais são elaboradas a partir do real, objetivando a interpretação e reelaboração desse próprio real. Essa construção é realizada pelo sujeito através de dois processos centrais de formação das representações sociais: a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem, nas RS, permite ao sujeito dar significado ao objeto que se apresenta a sua compreensão, dando sentido para esse objeto, podendo relacioná-lo com algum referencial de sua memória, onde o mesmo será classificado. A ancoragem transforma algo estranho em familiar, de modo a fazer com que esse objeto tenha sentido, classificação e nome, diferindo dos demais objetos inexistentes, inclassificáveis ou sem nome. Conforme Moscovici (2007, p. 61), “nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas”.

A objetivação, por sua vez, tem a função de transformar algo abstrato em algo reconhecível, através de duas funções: naturalização, trazendo elementos da realidade que têm sentido; e a classificação, porque permite fazer escolhas entre sistemas de categorias, regras de conduta e separação entre seres e atributos. Ela também agrega a idéia de não-familiaridade com a realidade, tornando-se a verdadeira essência da realidade, sendo percebida como um universo meramente intelectual e remoto; após, torna-se física e acessível. Objetivar “é descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância”. (MOSCOVICI, 2007, p. 71).

Na sociedade, há uma combinação de conhecimentos circulantes a partir do consenso do grupo, de seus valores e crenças anteriores acerca de um objeto social. Abric (2000) refere que uma representação é constituída de um conjunto de informações, de crenças, de opiniões e de atitudes de um dado objeto social. Esses elementos dispõem-se de forma organizada em um núcleo central. A função desse núcleo é determinar a natureza do objeto e os tipos de relações que o grupo mantém com esse objeto, e o sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo.

Para Abric (2000), o núcleo central de uma representação assume duas funções fundamentais: função geradora, que é o elemento pelo qual se cria, ou se transforma, o significado dos outros elementos constitutivos da representação, sendo que “é através dele que os outros elementos ganham um sentido, um valor”; e função organizadora, que é o núcleo central que determina a natureza dos elos, unindo entre si os elementos da representação. Nesse sentido, o núcleo é o elemento unificador e estabilizador da representação.

O núcleo tem a propriedade da estabilidade, é o elemento mais estável, que mais vai resistir à mudança, assegurando a continuidade das representações sociais. Abric (2000) afirma que toda a modificação do núcleo central provoca uma transformação completa da representação: “é a identificação do núcleo central que permite o estudo comparativo das representações. Para que duas representações sejam diferentes, elas devem ser organizadas em torno de dois núcleos centrais diferentes”. (ABRIC, 2000, p. 31).

Em torno do núcleo central e como seu complemento indispensável organizam-se os elementos periféricos que constituem a interface entre a realidade concreta e o sistema central; por isso são mais acessíveis, mais vivos e mais concretos. (ABRIC, 2000). Esses elementos possuem três funções primordiais: função de concretização, que possibilita a elaboração das representações sociais e sua utilização em termos concretos, compreensíveis e transmissíveis; função de regulação, que constitui o aspecto móvel e evolutivo das representações; e função de defesa, a qual age como um elemento de defesa do Núcleo Central. Assim, em caso de transformações da representação, essas acontecerão primeiramente nos elementos periféricos, pois é neles que poderão aparecer e serem toleradas contradições.

A Teoria das Representações Sociais torna-se pertinente ao embasamento deste estudo, pois pode auxiliar no desvelamento do significado do ser pai, para pais adolescentes, mostrando-nos como eles têm vivenciado a paternidade nessa fase tão singular da vida. Possibilitar-nos-á compreender os processos de ancoragem e objetivação desses jovens pais mostrando-nos os ambientes e atores sociais que contribuem na construção dessas representações. O conhecimento dessas representações pode nos auxiliar a planejar e desenvolver ações que incluam o pai adolescente no processo da gravidez e do parto nos serviços de saúde, dando resposta a seus reais anseios e necessidades.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A seguir, apresentamos as etapas utilizadas para a realização deste estudo.

4.1 TIPO DE ESTUDO

Este estudo é de caráter descritivo, com abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa permite ao pesquisador interpretar dados, sem empregar a estatística, como indicadores do funcionamento de estruturas sociais, permitindo um maior aprofundamento dos comportamentos ou atividades dos indivíduos. (SOARES, 2003). A utilização do método qualitativo fornece uma compreensão profunda de determinados fenômenos sociais complexos e únicos, contemplando o aspecto subjetivo, ante os quais o método estatístico apresenta-se ineficiente. (HAGETTE, 1999).

A pesquisa descritiva é aquela que tem por finalidade a elucidação dos fenômenos investigados, descrevendo as dimensões, as variações, a importância e o significado dos fenômenos. (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004).

4.2 LOCAL DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO

Foi desenvolvido no Ambulatório de Ginecologia e na Unidade de Internação Obstétrica, do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. (HU), da FURG, na cidade do Rio Grande, interior do Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 2010. No Ambulatório de Ginecologia do HU, o atendimento é realizado em um consultório que possui sala para realização da anamnese, sala para exame físico da paciente e banheiro. As pacientes são recebidas no corredor do ambulatório, que se encontra organizado com 20 cadeiras dispostas ao longo de uma parede. Enquanto aguardam as consultas, as pacientes assistem a vídeos educativos e recebem orientações acerca da gestação, parto, puerpério e aleitamento materno.

No HU há um programa de pré-natal específico para as adolescentes, no qual as consultas ocorrem duas vezes por semana. As adolescentes realizam consultas mensais e já saem com a próxima consulta agendada. A Unidade de Internação Obstétrica do HU (UIO)

possui 23 leitos, sendo 17 para internação de pacientes do SUS e 06 para pacientes particulares ou conveniados.

4.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO

A população do estudo foi composta por 12 pais adolescentes: 8 acompanhavam suas parceiras, durante as consultas de pré-natal e no puerpério imediato, no ambulatório de ginecologia; e 4 acompanhavam suas parceiras na Unidade de Internação Obstétrica do HU, após o parto. Consideramos como adolescente aquele que possuía entre 10 e 20 anos incompletos, obedecendo à classificação oficial da Organização Mundial da Saúde. (OMS, 2009).

Os jovens foram abordados na sala de espera para a consulta, ou na enfermaria da UIO, após o parto. Apresentamos para o pai adolescente o objetivo do estudo e a metodologia, solicitando a sua participação. Àqueles que aceitaram participar foi agendado o dia para a realização da entrevista e solicitada sua assinatura e de seu familiar responsável para aqueles que tinham menos de 18 anos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.4 MÉTODO DE COLETA DOS DADOS

A coleta dos dados foi realizada através de uma entrevista composta por um instrumento semiestruturado, contendo questões abertas, abordando a temática proposta. O instrumento foi aplicado a cada adolescente no consultório do próprio ambulatório ou na sala de reuniões da equipe do Hospital Amigo da Criança, anexa à Unidade de Internação Obstétrica, pois a mesma garante o conforto e a privacidade necessária. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para posterior análise.

Segundo Gil (2002), a entrevista caracteriza-se pela comunicação verbal, valorizando o significado da fala e da linguagem e serve como meio de coleta de informações sobre determinado tema científico; pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação “face a face”, e em que uma delas formula questões e a outra responde.

4.5 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise e interpretação dos dados foi realizado através da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposta por Lefèvre e Lefèvre (2005), que consiste na organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, *papers*, extraindo de cada um as idéias centrais ou ancoragens, e suas correspondentes expressões-chave.

Nesta técnica, através dos depoimentos, busca-se reconstruir, com fragmentos de discursos individuais, discursos-síntese que expressem uma forma de pensar ou representação social sobre um fenômeno. Assim, o DSC é uma estratégia metodológica que visa tornar mais clara uma dada representação social, bem como o conjunto das representações que conforma um dado imaginário. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). De acordo com os autores, esse imaginário, na técnica do DSC, adquire a forma de um painel e discursos que refletem o que se pode pensar, numa dada formação sociocultural, numa dada coletividade, sobre um determinado assunto.

Para elaborar os DSCs, foram criadas as seguintes figuras metodológicas:

- Expressões-chave (ECH): são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem ser sublinhadas ou coloridas pelo/a pesquisador/a, e que revelam a essência do depoimento ou, mais precisamente, do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento; geralmente correspondem às questões de pesquisa. “As expressões-chave são uma espécie de prova discursiva-empírica da verdade das idéias centrais e das ancoragens e vice-versa”. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p 17). Com elas, são construídos os DSCs.

- Idéias centrais (IC): é um nome ou expressão lingüística que revela e descreve, de maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados e que vai dar nascimento ao DSC. Elas são uma descrição do sentido ou de um conjunto de depoimentos.

- Ancoragem: é a manifestação lingüística explícita de uma crença que o autor do discurso professa e que está sendo usada pelo enunciador para enquadrar uma situação específica. Lefèvre e Lefèvre (2005) expressam que quase todo discurso tem uma ancoragem, na medida em que está quase sempre alicerçado em pressupostos, teorias, conceitos e hipóteses.

- Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): é um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular, a partir de trechos de discursos individuais. Esses devem aparecer em itálico para indicar que se trata de uma fala ou de um depoimento coletivo. O DSC, como técnica de processamento de dados com vistas à obtenção do pensamento coletivo, dá como resultado um

painel de discursos de sujeitos coletivos, justamente para sugerir uma *pessoa coletiva* falando como se fosse um sujeito individual de discurso (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). Para elaborar o DSC, parte-se dos discursos individuais, que, após análise inicial, são decompostos, extraíndo-se as expressões-chave e as principais ancoragens ou idéias centrais, culminando numa síntese que reconstitui discursivamente a representação social. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Na construção do DSC, devem-se considerar os seguintes princípios: coerência e posicionamento próprio. A coerência significa a agregação de pedaços isolados de depoimentos para formar um todo discursivo coerente, em que cada uma das partes se reconheça enquanto constituinte desse todo, e o todo seja constituído por essas partes. E o posicionamento próprio, no qual cada discurso deve sempre expressar um posicionamento próprio, distinto, original, específico sobre o tema que está sendo pesquisado.

Ao construirmos o DSC, devemos utilizar como critérios de análise dos discursos individuais a diferença/antagonismo ou a complementaridade. Quando se trata de discursos diferentes, a apresentação deles, em separado, é obrigatória; quando se trata de discursos complementares, a apresentação dos discursos depende do/a pesquisador/a querer resultados mais detalhados ou mais genéricos. Há discursos que não são iguais, mas que não constituem cadeias argumentativas inconciliáveis, então, podem ser reunidos sem provocar contradição ou incoerência; pode-se, também, separá-los, quando se quer realçar matrizes de posicionamento.

Para fazer com que o discurso coletivo pareça individual, devem-se ‘limpar’ as particularidades dos pedaços selecionados de um relato, de modo que apresentem uma estrutura sequencial clara e coerente que possa ser atribuída ao coletivo. “Para a construção do DSC, é preciso aproveitar todas as ‘peças’, isto é todas as idéias presentes nos depoimentos para que a figura não fique incompleta; entre as ‘peças’ repetidas ou muito semelhantes, escolhe-se apenas um exemplar”. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p 21).

Analisando a totalidade dos depoimentos, encontramos várias idéias centrais e, conseqüentemente, conseguimos construir vários DSCs. Cada DSC é uma faceta da representação social do conjunto dos sujeitos investigados em relação ao tema investigado. O conjunto dos discursos coletivos construídos neste estudo expressam a representação social dos pais adolescentes acerca do ser pai.

Lefèvre e Lefèvre (2005) mencionam a necessidade de haver dois possíveis interpretantes para os DSCs. Um seria o pesquisador, que é quem elabora o DSC; e o segundo, os próprios sujeitos que constituem a população alvo da pesquisa, aos quais seriam apresentados os DSCs obtidos. Para implementação desta etapa, após a entrevista foi combinado, com os participantes do estudo, um dia e horário para que os mesmos vissem os DSCs construídos e dessem sua sugestão acerca dos mesmos. Como no dia marcado nenhum pai compareceu ao

encontro, após a defesa da dissertação, será marcado com os mesmos um novo encontro com o objetivo lhes apresentar o trabalho.

4.6 ASPECTOS ÉTICOS

Seguimos a Resolução 196/96 no tange aos aspectos éticos para a pesquisa com seres humanos. Solicitamos o Consentimento da Coordenação de Desenvolvimento do HU para realizar o estudo nesta instituição. Após, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde (CEPAS) da FURG, recebendo o parecer favorável sob o número 47/2010.

Todos os participantes e seus representantes legais foram informados e esclarecidos, a respeito dos objetivos e metodologias da pesquisa, sendo solicitada a assinatura dos dois nas duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O participante ficou com uma via e a outra com o pesquisador.

5 REPRESENTAÇÕES DO PAI ADOLESCENTE ACERCA DO SER PAI NA ADOLESCÊNCIA

Participaram do estudo 12 pais adolescentes: dois tinham 17 anos; quatro, 18 anos; e seis 19 anos. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Os que possuíam menos de 18 anos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participar do estudo juntamente com o seu responsável legal. Só um deles possuía mais de um filho.

A maioria deles residia na periferia do município do Rio Grande. O nível de escolaridade identificado foi o ensino fundamental incompleto (4); primeiro grau completo (4); ensino médio incompleto (3); e ensino superior incompleto (1). Apenas um continua os estudos. Sete estavam desempregados e cinco trabalhavam exercendo funções como auxiliar de obras (2), pedreiro, funcionário público e atendente de loja.

A análise dos dados gerou representações acerca de: uso de métodos contraceptivos pelo pai adolescente; reações e sentimentos do pai adolescente frente ao diagnóstico da gravidez; das qualidades de um bom pai; e viver do pai adolescente a partir da paternidade.

5.1 O USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS PELO PAI ADOLESCENTE

Em relação às representações do pai adolescente acerca dos métodos contraceptivos, verifica-se que os métodos mais utilizados por eles são a camisinha, a pílula e o coito interrompido. Muitos adolescentes não fazem uso de métodos contraceptivos em suas relações sexuais ou, quando o fazem, os utilizam de forma errada. Alguns adolescentes utilizam a camisinha no início do relacionamento; com o passar do tempo, no entanto, deixam de fazê-lo. Geralmente, deixam por conta da mulher a responsabilidade pela anticoncepção.

Idéia central: os métodos contraceptivos mais utilizados pelos adolescentes são a camisinha, a pílula e o coito interrompido.

Expressões Chave:

Eu já tinha feito isso antes, de tirar, só que dessa vez não deu certo.
 Eu usava camisinha.
 Ela tomava pílula.
 Eu utilizava camisinha e ela a pílula.

DSC: *Eu usava camisinha, ela tomava pílula e, algumas vezes eu já havia feito isso antes, sem camisinha, tirava na hora. Só que desta vez não deu certo.*

A prevenção da gravidez é um tema muito importante, especialmente na adolescência, considerando a relevância social conferida pela ocorrência de gravidez nessa faixa etária e pela possibilidade de exposição às doenças sexualmente transmissíveis. O conhecimento sobre os métodos contraceptivos e os riscos advindos de relações sexuais desprotegidas são fundamentais para que os adolescentes possam vivenciar o sexo de maneira adequada e saudável, assegurando a prevenção da gravidez indesejada e das DST/AIDS, além de ser um direito que possibilita cada vez mais, ao ser humano, o exercício da sexualidade desvinculado da procriação. (VIEIRA et al, 2006).

Conforme os discursos obtidos, evidenciou-se que alguns adolescentes fizeram uso de métodos contraceptivos, mesmo que tenham sido utilizados de forma incorreta. Os métodos de contracepção mais citados foram a pílula anticoncepcional e o preservativo masculino de látex. (CABRAL, 2003). Segundo a UNICEF (2009), a camisinha masculina foi o método de prevenção de gravidez e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) mais conhecido e mais usado entre as adolescentes entre os anos de 2001 e 2002.

Uma pesquisa em seis escolas de diferentes níveis socioeconômicos em Bauru - SP, com 128 estudantes de ambos os sexos, entre 11 e 19 anos selecionados ao acaso, revelou que 81,7% conheciam alguns métodos anticoncepcionais, sendo o preservativo e a pílula os mais citados. (BRUNO et al, 1997).

O autor destaca ainda que as principais fontes de informações foram os profissionais da saúde, a escola, parentes e vizinhos. Apesar de conhecerem os métodos contraceptivos, muitos adolescentes não os utilizam adequadamente. Segundo Klein (2005), apesar de haver uma crescente utilização de métodos contraceptivos pelos adolescentes na primeira relação sexual, 50% das gestações ocorrem dentro dos primeiros seis meses de iniciação sexual apontando o uso intermitente ou inadequado.

É importante ressaltar que foram encontrados alguns adolescentes que acreditam que o coito interrompido funciona como um método contraceptivo, mas vale frisar que é uma prática que não previne a gravidez nem a transmissão de Doenças Sexualmente Transmissíveis. O coito interrompido é um tipo de método que, se comparado aos não naturais, comporta uma margem de risco muito superior. No entanto, apresenta-se como um recurso largamente utilizado entre jovens, pois o fato de acreditarem estar utilizando um método preventivo faz com que a grande possibilidade de ocorrer uma gravidez seja, contudo, ignorada. (BEMFAM, 1999; CABRAL, 2003).

Em relação ao papel multiplicador dos agentes de saúde e educação, Siqueira et al (2002) referem que urge discutir a questão do comportamento reprodutivo de adolescentes com os profissionais que trabalham na área para que as diretrizes firmadas formalmente no papel

possam, de fato ser implementadas. É de fundamental importância a discussão sobre as políticas públicas voltadas para os adolescentes. Destacam-se, sobretudo, aquelas voltadas para a educação, a saúde, o trabalho/profissionalização, a cultura e o lazer, uma vez que a saúde sexual e reprodutiva não pode ser pensada de forma desarticulada das demais

A assistência em anticoncepção pressupõe oferta de todas as alternativas de métodos contraceptivos, assim como o acompanhamento clínico-ginecológico da adolescente. (BRASIL, 2002; SAITO; LEAL, 2003; GUIMARÃES; VIEIRA; PALMEIRA, 2003). Neste sentido, comprova-se a necessidade da distribuição de preservativos como forma de garantir-lhes o acesso e da orientação dos adolescentes quanto às formas corretas de utilizá-los.

Idéia central: Muitas vezes os adolescentes praticam o sexo sem o uso de nenhum método contraceptivo ou o fazem de forma errada.

Expressões Chave:

Eu, não me cuidei e simplesmente aconteceu.
 Ela não tomou pílula e eu já não utilizava mais os preservativos.
 A gente tava sem camisinha e fez.
 A gente não se cuidou. Ela não tomava nada e as vezes a gente fazia sem camisinha.
 Houveram algumas vezes que a gente não usou nada, ela acabou engravidando.
 Acho que mais por descuido meu, por não ter usado preservativo.
 A gente começou a ficar juntos aí eu fui deixando de usar mesmo. Foi meio que descuido mesmo não usar.
 Nós começamos a namorar e ter relações, mas nunca demos muita importância para preservativos.
 Ela ainda não usava nada. Ela tava querendo usar a pílula, mas eu achei melhor não.
 A gente teve uma relação sexual sem utilizar nenhum preservativo ou método anticoncepcional.
 A gente resolveu fazer sem nada.
 A gente tinha acabado de se conhecer aí sabe como é pressa.
 A gente teve uma relação sexual sem utilizar nenhum preservativo ou método anticoncepcional.
 Como ela esqueceu de tomar a pílula, acabou engravidando.
 Eu usava camisinha, mas aí no dia, eu não tinha.
 Não sei bem o que aconteceu.
 Com o passar do tempo deixei de utilizar o preservativo e ficou só na pílula.
 Eu já tinha feito isso antes, de tirar, só que dessa vez não deu certo.
 Não tinha dificuldade, era mais esquecimento mesmo.
 Eu usava camisinha às vezes.
 Ah, acidente. Ela esqueceu de tomar a pílula eu acho ou então não funcionou.
 Eu usava preservativo masculino, quase sempre.

DSC: *A gente tinha acabado de se conhecer aí sabe como é a pressa. Ela tava querendo usar a pílula, mas eu achei melhor não. Eu usava camisinha, mas aí no dia, eu não tinha. Eu usava quase sempre. Era mais esquecimento mesmo. Eu já tinha feito isso antes, de tirar, só que dessa vez não deu certo. Com o passar do tempo deixei de utilizar o preservativo e ficou só na pílula. Mas ela esqueceu de tomar a pílula eu acho, ou então não funcionou. Um dia a gente resolveu fazer sem nada. Eu não me cuidei, ela não tomou pílula e aconteceu. A gente não se cuidou. Ela não tomava nada e, às vezes, a gente fazia sem camisinha. Foi meio que descuido mesmo não usar. Na verdade, nunca demos muita importância para preservativos. Não sei bem o que*

aconteceu. Ah, acidente! Acabou engravidando.

Os altos índices de gravidez na adolescência comprovam o não uso ou o uso inadequado dos métodos contraceptivos por adolescentes, sendo esse um assunto de grande relevância, tendo em vista a grande vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis em especial à AIDs tão difundida em nosso meio. A realidade mostra que as chances de uso de algum método contraceptivo são menores entre os adolescentes de um modo geral. (HAFFNER, 1995; CABRAL, 2003; KLEIN, 2005).

Esse fato talvez se explique devido a uma precariedade de informações e conhecimentos pouco consistentes sobre a anticoncepção. Raramente, na prática clínica ou no contato com jovens no ambiente escolar, depara-se com um adolescente que negue ter recebido informações sobre opções contraceptivas, porém vários estudos revelam o uso inadequado, assim como relações sexuais desprotegidas e deficiência dos serviços de saúde para o atendimento e acompanhamento de jovens nessa faixa etária. (VIEIRA et al, 2006).

No entanto, a concepção contida nos discursos deste estudo reforça a idéia que a gravidez na adolescência pode apresentar-se como resultado de que, apesar de conhecer os métodos contraceptivos, os adolescentes não dão muita importância para o seu uso. Talvez isso ocorra, pelo fato deles possuírem informações incorretas acerca dos mesmos. Assim, a difusão de informação sobre o uso correto dos métodos contraceptivos bem como a garantia de acesso aos mesmos não seriam suficientes para aumentar a adesão dos adolescentes ao seu uso.

O problema parece bem mais complexo. Estudos revelam que, mesmo tendo conhecimentos e acesso, a gravidez pode acontecer. Quanto mais precoce a iniciação sexual, menores são as chances de uso de métodos contraceptivos e, conseqüentemente, maiores são as possibilidades de gravidez. (CABRAL, 2003; KLEIN, 2005).

Lima et al (2004), por meio de uma análise qualitativa, buscaram conhecer as percepções e práticas de pais adolescentes, da cidade do Recife, em relação ao uso de métodos contraceptivos. Constataram a necessidade de aprender, presente no discurso dos adolescentes, verificando que 68,4% consideravam importante o conhecimento sobre métodos contraceptivos e a prevenção da gravidez. Dentre os meios mais citados encontraram: realização de palestras (46,1%), orientações sobre sexualidade e prevenção da gravidez (23,0%), disponibilização de métodos anticoncepcionais orais (23,0%), injetáveis (15,3%), e preservativos masculinos (15,3%). Citaram ainda que, para a concretização de tais objetivos, devem-se buscar estratégias de promoção que estejam mais próximas das necessidades geradas no contexto sócio-cultural a que esse grupo populacional se vincula. (LIMA et al, 2004).

Estudo evidencia que o comportamento contraceptivo dos adolescentes é sempre posterior ao início do relacionamento sexual com a parceira, sendo marcado por dificuldades

para usar adequadamente os métodos anticoncepcionais, especialmente em vista da maior imprevisibilidade das relações sexuais nesse grupo. (BORGES; SCHOR, 2005; TELLES, 2007). Fato corroborado no DSC acima e por Vieira et al (2006) em seu estudo. Aqui, segundo um grupo de 36 adolescentes do sexo feminino com idades entre 11 e 17 anos, a imprevisibilidade da relação sexual também foi citada como motivo do não uso de contraceptivos. (VIEIRA et al, 2006). Outros estudos encontraram resultados semelhantes quanto a não utilização de métodos contraceptivos na iniciação sexual: dentre as mulheres, prevalece a justificativa do “não esperava ter relações naquele momento”, ao passo que dentre os homens, a alegação principal é a do “não conhecia nenhum método”. (BEMFAM, 1999, CABRAL, 2003, p. 286).

Estudo acerca da maternidade na adolescência com jovens adolescentes verificou a dificuldade de diálogo delas com o parceiro, a qualidade ou inadequação da informação a respeito da contracepção e reprodução, assim como sobre o uso correto dos métodos anticoncepcionais como causa do não uso ou uso inadequado de métodos contraceptivos. (ALMEIDA et al, 2003). Outro estudo verificou que todas as participantes do estudo tinham acesso a métodos contraceptivos eficazes de alguma forma. No entanto, o acesso indireto através do companheiro, relatado por uma das participantes, pode estabelecer uma relação de dependência e maximizar disparidades no grau de negociação entre o casal quanto à utilização do contraceptivo. (SOUSA, 2009). Em relação à camisinha, sua não utilização estaria vinculada à diminuição das sensações durante a relação sexual.

Uma pesquisa em seis escolas de diferentes níveis socioeconômicos de São Paulo, com 128 estudantes de ambos os sexos, entre 11 e 19 anos selecionados ao acaso, revelou que 81,7% conheciam alguns métodos anticoncepcionais, sendo o preservativo e a pílula os mais citados. Apesar do conhecimento, a maioria referiu não utilizá-los por não valorizar as chances de gravidez ou por mero esquecimento. (BRUNO et al, 1997).

Inúmeros pretextos são atribuídos ao pouco uso de métodos anticoncepcionais por adolescentes: medo dos pais descobrirem, medo de encarar a própria sexualidade, falta de conhecimento sobre os riscos de engravidar, pensamento "mágico", etc. Não importando as causas, o resultado é conhecido: milhares de gravidezes em adolescentes, com suas consequências para a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes quanto para sua integração e desenvolvimento social. (CABRAL, 2003). É possível também relacionar o não uso, ou uso inadequado do preservativo masculino, à idéia de que sua principal utilidade seria evitar as doenças de transmissão sexual e não a gravidez. (ALMEIDA; HARDY, 2007).

Estudo de Almeida e Hardy (2007) evidenciou que a justificativa dos adolescentes para interromper o uso do preservativo em geral foi descuido, negligência; em um caso, foi para

engravidar e continuarem juntos após a proibição do pai da garota; em outro, o garoto disse que foi para atender ao pedido de sua parceira que queria engravidar. Outro fato, relatado no estudo de Cabral (2003), é que estar usando algum método poderia significar o planejamento de um intercurso sexual, o que não corresponde ao imaginário da mulher ingênua e inexperiente esperado pela família da adolescente. Usar um método contraceptivo, nesse sentido, seria facilmente descoberto pela família, comprometendo a relação do jovem casal, que opta, então, por manter relações sexuais desprotegidas. (ESTEVEZ; MENANDRO, 2005; BRANDÃO; HEILBORN, 2006).

Em relação ao grau de escolaridade dos pais adolescentes, estudos evidenciaram que, quanto maior o grau de escolaridade do jovem, maiores são as chances de utilização de algum método tanto na primeira relação sexual como nas subseqüentes. (CABRAL, 2003; TELLES, 2007). Nesse contexto, no entanto, Belo e Silva (2004), ao pesquisarem o conhecimento, atitudes e práticas de adolescentes em relação ao uso de métodos contraceptivos evidenciaram que o nível de escolaridade no grupo dos adolescentes não modificou seu conhecimento ou influenciou na contracepção. Os autores consideram que tal aspecto aponta para as dificuldades ou até mesmo para a inexistência de diálogos familiares que favoreceriam avanços significativos na apropriação de conhecimentos referentes à prevenção da gravidez não planejada.

Idéia central: alguns adolescentes utilizam a camisinha no início da relação, mas conforme passam a “confiar” na parceira e com o passar do tempo, deixam de fazê-lo. Não usar métodos contraceptivos é sinal de amor.

Expressões Chave:

No início eu usava camisinha. Com o passar do tempo, quando a gente foi se conhecendo melhor, deixei de utilizar.

Eu já não utilizava mais os preservativos, porque a gente se ama.

No início eu usava, mas ai a gente começou a ficar juntos. Ai eu fui deixando de usar mesmo.

Aos poucos fui deixando de usar preservativos.

Eu usava preservativos só que mais no início. Com a confiança fui deixando.

DSC: *No início eu usava camisinha. Com o passar do tempo, quando a gente foi se conhecendo melhor, a gente começou a ficar juntos, e aos poucos fui deixando de usar mesmo. Usava preservativos só mais no início. A gente se ama e com a confiança fui deixando.*

O adolescente traz, no seu discurso, que, no início do relacionamento, ele fazia uso de métodos contraceptivos, mas com o passar do tempo, ancorado na idéia de que o par está em uma relação estável, ele passa a não utilizar-se mais, deixando esse cuidado ao encargo da sua companheira. “O uso inconsistente do preservativo masculino, especialmente à medida que os parceiros vão se tornando mais íntimos, constitui registro frequente dos estudos sobre

comportamento sexual, tanto entre adultos quanto entre adolescentes”. (ALMEIDA; HARDY, 2007, p. 570).

Também se observa que esse comportamento, assim como a adoção de medidas preventivas quanto às doenças de transmissão sexual, varia de acordo com o contexto da relação e do tipo de parceria vivenciado pelos adolescentes, conforme a confiança vai ocorrendo e o “amor” se consolidando. (ALMEIDA; HARDY, 2007). Mais uma vez, o DSC dos adolescentes evidencia que a prática sexual segura é menos importante que a “sua” prática sexual, deixando de utilizar os preservativos conforme o relacionamento vai se solidificando.

Esse discurso mostra que, na representação social dos adolescentes, o não uso de contraceptivos é interpretado como sinal de confiança e amor. “Com relação à saúde sexual e reprodutiva, percebe-se que há uma associação estabelecida entre a existência do namoro ou reconhecimento da parceira sexual como alguém conhecida, amiga ou namorada, e que por tais razões o uso de preservativos seria dispensável”. (CORRÊA, 2005, p. 111).

O abandono do método contraceptivo pelo adolescente pode ser efetivado pelo desejo consciente ou inconsciente do adolescente de ter um filho. Davim (1998) realizou um estudo com 36 adolescentes, na faixa etária entre 13 a 19 anos de idade, buscando identificar, além dos métodos contraceptivos conhecidos e utilizados, as causas que levaram esses adolescentes a abandonarem a utilização dos referidos métodos. Os resultados indicaram desconhecimento acerca da contracepção, da gravidez, dos riscos de uma gestação precoce, destacando-se que a grande maioria abandonou os métodos de contracepção pelo desejo de engravidar. Esse fato chama a atenção de que, mesmo na adolescência, a gravidez pode ser desejada. (ORLANDI; TONELI, 2005).

Segundo Borges (2007), adolescentes podem optar por uma gravidez como forma de inserir-se no mundo adulto. O desejo por ter um filho na adolescência pode ser justificado porque a gravidez pode significar realização, saúde e maturidade e, nos ambientes nos quais há poucas possibilidades de atingir esse reconhecimento por outras vias, ter um filho pode ser uma saída para os adolescentes.

Idéia central: o adolescente deixa por conta da mulher a responsabilidade pela anticoncepção.

Expressões Chave:

Como ela tomava pílula deixei de usar a camisinha.
 Como ela esqueceu de tomar a pílula, acabou engravidando.
 Ela tomava pílula.
 Eu já não utilizava mais os preservativos e ficou só na pílula.

DSC: *Como ela tomava pílula eu deixei de usar camisinha, não utilizava mais os preservativos. Ficou só na pílula. Como ela esqueceu de tomar a pílula acabou engravidando.*

O DSC acima apresenta-se, ancorado na idéia de que a responsabilidade pela anticoncepção é uma tarefa exclusivamente feminina, expressando a despreocupação do adolescente frente ao uso de preservativos assim como o diálogo com a parceira sobre a utilização correta da pílula anticoncepcional.

Atribuir à mulher a responsabilidade pela contracepção termina sendo, indiretamente, uma maneira de o homem não se sentir responsável pela gravidez, estando, assim, presente no imaginário masculino que, se a fecundação acontece no corpo da mulher, ele não precisa envolver-se diretamente com cuidados contraceptivos.

Essa representação vai ao encontro do pensamento de Luz, Berni (2010), ao referirem que, socialmente, espera-se da mulher providências para evitar a gravidez, pois é frequente o argumento de que quem engravida é a mulher, numa visão biologista da concepção. Em contrapartida, o não fazer parte do escopo das preocupações do rapaz saber se o uso da pílula está correto torna-o à mercê da mulher que pode suspender o uso do anticoncepcional e engravidar. (TELLES, 2007).

Os atributos de gênero desempenham, nesse cenário, um papel decisivo. A própria literatura na área da saúde coletiva tem assinalado que a sexualidade masculina, pelo menos na cultura sexual brasileira, é frequentemente representada como “incontrolável”. (VILLELA; BARBOSA, 1996; CABRAL, 2003). Ser homem significa ter menos controle sobre seus impulsos sexuais; e colocar a camisinha, racionalizar ou regradar seus impulsos sexuais (...) é trair sua virilidade. (CABRAL, 2003).

A preocupação com a contracepção e a responsabilidade, tem reiteradamente caído sobre as mulheres, principalmente com o advento do anticoncepcional oral. (ARILLHA, 1998). Prevalece, ainda, a idéia de que os filhos e a contracepção fazem parte de um universo que, ao longo do tempo, cristalizou-se no imaginário social comosendo do campo das mulheres. Muitas vezes, as próprias mulheres contribuem com essa idéia, pois muitas ainda se referem à gestação com exclusividade, utilizando-se de expressões que, consciente ou inconscientemente, transmitem a mensagem de que essa é uma questão puramente feminina, como se a participação do homem terminasse no momento em que o bebê é concebido. (KITAHARA; ROSSI; GRASSIOTIN, 2005).

Outro fato que contribui para consolidar essa representação é que a heterossexualidade aparece como natural e desejada no contexto social. A partir dessa perspectiva, os adolescentes podem entender que a sexualidade deve ser praticada para obter satisfação de suas necessidades corporais e prazer. (ALMEIDA; HARDY, 2007).

Também verifica-se que, ao aceitar fazer sexo, pode haver o entendimento de que a mulher exime o homem de qualquer responsabilidade em assumir compromisso e

consequências futuras relacionadas ao ato sexual. O conhecimento e a utilização dos métodos contraceptivos de forma correta passam a tornar-se um encargo da adolescente no momento em que o casal encontra-se namorando ou mantendo uma relação “estável”. Com base nisso, o adolescente sente-se no direito de não utilizar preservativos, deixando ao encargo da sua companheira o uso de pílulas anticoncepcionais. (BEMFAM, 1999; CABRAL, 2003).

Neste sentido, informar os jovens sobre reprodução e métodos contraceptivos não seria, por si só suficiente ou eficaz na medida em que esbarraria na cultura de gênero. (CABRAL, 2003). Conforme Telles (2007), existe contradição no comportamento dos adolescentes quanto à preocupação com a possibilidade de gravidez, pois se reconhece que o homem tem papel essencial e deve prevenir-se, mas na sua prática sexual não levam isso em consideração e deixam ao encargo da parceira.

A ausência de estudos sobre paternidade na adolescência acompanha a tradição dos estudos de gênero, cuja produção está em larga medida voltada para o gênero feminino. Essa situação acaba reforçando a idéia de que a reprodução e o seu controle sejam mais um “negócio de mulheres” ou “para mulheres”, deixando excluídos os homens. (CABRAL, 2003).

5.2 REAÇÕES E SENTIMENTOS DO PAI ADOLESCENTE FRENTE AO DIAGNÓSTICO DA GRAVIDEZ

Frente à informação da gravidez, o pai adolescente apresenta diversas reações e sentimentos.

Frente a essa informação, o pai adolescente leva um susto, pois refere que a gravidez na adolescência não foi planejada, aconteceu por descuido, acidente e pelo não uso de um método anticoncepcional. Frente ao fato pode no início não acreditar, mas, em seguida, aceita e fica feliz com a gravidez.

O pai adolescente, no primeiro momento, pode não acreditar, apresentando sentimentos de descrença e desconfiança no diagnóstico. Ao constatar a veracidade da gravidez, o pai adolescente fica preocupado, triste e com raiva de si mesmo por não ter usado camisinha. No entanto, passado o primeiro impacto do diagnóstico da gravidez, o adolescente passa a aceitar a paternidade, sentindo-se, inclusive, feliz e alegre.

Idéia central: O adolescente se assusta porque a gravidez na adolescência não foi planejada, aconteceu por descuido, acidente e não uso de um método anticoncepcional.

Expressões Chave:

Não foi planejada. Olha, ela acabou acontecendo, mas acho que vai dar tudo certo.
 Não planejei. Eu, não me cuidei e simplesmente aconteceu.
 Não, planejamos. Ela toma pílula, não sei bem o que aconteceu.
 Ela não tomou pílula e eu já não utilizava mais os preservativos.
 A gente tava sem camisinha e fez, eu já tinha feito isso antes, de tirar, só que dessa vez não deu certo.
 A gente não se cuidou. Ela não tomava nada e as vezes a gente fazia sem camisinha.
 Acho que mais por descuido meu, por não ter usado preservativo.
 Não, achei que não iria acontecer assim. A gravidez aconteceu por acidente. Ela esqueceu de tomar a pílula eu acho ou então não funcionou.
 Não, não foi. Nós começamos a namorar e ter relações, mas nunca demos muita importância para preservativos.
 Não, foi azar mesmo. O preservativo arrebentou.
 A gente teve uma relação sexual sem utilizar nenhum preservativo ou método anticoncepcional.
 Não planejamos. Ah! Sabe como é, a gente nunca acredita que vai acontecer. Ao menos assim nessa idade. É mais comum quando se é mais velho.

DSC: *Não planejei. Eu, não me cuidei, a gente não se cuidou e simplesmente aconteceu. A gravidez aconteceu por acidente. Nunca demos muita importância para preservativos. Foi azar mesmo. O preservativo arrebentou. Ah! Sabe como é, a gente nunca acredita que vai acontecer. Ao menos assim nessa idade. É mais comum quando se é mais velho.*

Neste DSC expressa-se a idéia de que o adolescente não planeja a gravidez, ancorado na falsa impressão de que isso, com ele, não irá ocorrer, mesmo utilizando métodos contraceptivos de forma inadequada ou, simplesmente, não utilizando nenhum método de controle da natalidade.

Segundo Siqueira et al (2002), fala-se que a gravidez na adolescência é indesejada, inconsequente, fruto da irresponsabilidade, da imaturidade e da impulsividade desses jovens. Os autores acreditam que o pai adolescente tem ancorado que, como a gravidez não ocorreu de forma planejada, deve ser algo ruim ou que irá ter uma influência negativa na sua vida. O fato de os adolescentes trazerem à tona a preocupação com a possibilidade de tornarem-se pais, nesse período da vida, demonstra que esse temor faz parte do seu cotidiano.

Por serem adolescentes, talvez não se sintam capazes de assumir tal responsabilidade, e dão-se conta que, durante a relação sexual, deixam-se levar pelo momento, mostrando que realizam sexo de forma impulsiva. (TELLES, 2007).

Idéia central: Frente à notícia da gravidez surgem diversos sentimentos como descrença e desconfiança no diagnóstico. Passado o impacto do diagnóstico da gravidez o adolescente passa a aceitar a paternidade

Expressões Chave:

No início não acreditei, achei que era brincadeira, mas depois resolvi assumir.
 Logo que eu soube, eu achei que a minha namorada estava brincando comigo.

No início fiquei meio desconfiado mais agora estou gostando. Fiquei feliz por poder ser pai, ela já tem um filho de um outro relacionamento então agora que já estamos juntos vai ser bom ter um filho fruto de nos dois. Surpresa, Alegria e muita responsabilidade. Levou um tempinho, uns 3 meses depois que ela já estava grávida é que ela me contou, nunca eu ia imaginar isso, ser pai novo assim. Não dei muita bola no início quando ela me falou. No início achei que ela falou só pra gente ficar juntos. Mas depois notei que era verdade mesmo. Logo que eu soube eu achei que a minha namorada estava brincando comigo, até porque nós dois somos novos. Mas depois ela me confirmou que era sério mesmo. Fiquei preocupado, não pretendia ter filhos agora nesta idade, mas agora estou bem. Logo que nós conversamos foi muito complicado. Olha eu sou bem responsável e não queria ter filhos agora. A gente transava, mas achei que não iria acontecer nada.

DSC: *No início não acreditei, achei que era brincadeira. A gente transava, mas achei que não iria acontecer nada. Fiquei meio desconfiado. Foi uma surpresa. Levou um tempinho, uns 3 meses depois que ela já estava grávida é que ela me contou, nunca eu ia imaginar isso, ser pai novo assim. Não dei muita bola no início quando ela me falou. Achei que ela falou só pra gente ficar juntos. Mas depois notei que era verdade mesmo. Fiquei preocupado, não pretendia ter filhos agora nesta idade, mas agora estou bem. Olha, eu sou bem responsável e não queria ter filhos agora. Resolvi assumir. Agora estou gostando.*

Este DSC expressa o sentimento de desconfiança que os adolescentes demonstram frente à notícia de que sua parceira está grávida e que ele é o pai. Exprime a dificuldade que o jovem tem em admitir a sua responsabilidade, frente à gravidez, por isso não acredita que possa ser pai e que tenha engravidado sua parceira

No momento em que a mulher informa ao homem que está grávida, implicitamente anuncia o nome da família que a criança terá. O impacto da notícia depende da história do casal e do tipo de relação que une o homem e a mulher, que pode ter vários efeitos, desde uma felicidade extrema e compartilhada, até separações, afastamentos e conflitos. (KITAHARA; ROSSI; GRASSIOTIN, 2005).

Estudo de Meincke e Carraro (2009) corrobora tais sentimentos. As autoras referem que, frente à notícia da gravidez, o pai adolescente pode apresentar surpresa, susto, choque e não acreditar na notícia da gravidez da namorada. Referem que esses sentimentos emergiram, também, em outros estudos.

Após o primeiro impacto, evidencia-se que o adolescente expressa a satisfação frente à notícia de que irá ser pai em breve. Ao se comprometer com o seu futuro filho, o jovem demonstra alegria frente à notícia.

No nosso meio, pouco se conhece sobre o estado emocional do pai, como também sobre seus sentimentos em relação ao ciclo gravidez-parto de sua mulher e nascimento do seu filho. (ABREU; SOUZA, 1999). Percebe-se que o termo paternidade vem sofrendo alterações.

Durante muito tempo esteve associado aos papéis de provedor, autoridade, poder. Atualmente, vem dando lugar a novos conceitos baseados no compartilhar, no prazer, face às necessidades de condições sócio-econômicas que vêm afetando milhares de lares brasileiros e que exigem um reordenamento nas tarefas e funções dos respectivos encargos maternos e paternos, como também por conta de experimentar sentimentos, emoções até então desconhecidos.

Percebe-se que, apesar de um processo complexo, os pais adolescentes estão procurando vivenciar e exercer a paternidade e se adaptar a essa nova situação. (MEINCKE; CARRARO, 2009). Há situações em que o uso regular de métodos contraceptivos é intencionalmente suspenso visto que engravidar é o objetivo. A gravidez tanto pode ser negociada entre os parceiros quanto pode ser comunicada posteriormente, pela moça ao rapaz. (CABRAL, 2003).

Ao estudarem a paternidade na adolescência, Levandowski e Piccinini (2006) verificaram que aproximadamente 60% dos pais adolescentes investigados indicaram que a experiência da paternidade mudaria sua vida de forma positiva, não estando arrependidos por isso. Referiram sentir-se seguros e confiantes em seu papel parental.

Montgomery (1998, p. 78-79) acredita que a participação do homem é fundamental durante a gestação, quando o pai aprende a lidar com as necessidades da mulher gestante e passa a interagir com o bebê. Para ele, “a resposta do futuro pai é fundamental na evolução de todo o contexto biopsicossocial da gestação. Quando o homem se aproxima da mulher e a valoriza, ele também se aproxima da criança”. A participação do pai no período gestacional seria a evolução da paternidade do novo século. Ao longo dos anos, o papel do pai foi sendo modificado; ele passou a sentir-se mais presente e motivado em participar desse processo. (SZEJER; STEWART, 1997; KITAHARA; ROSSI; GRASSIOTIN, 2005).

Estudo evidencia que, em muitos casos, os adolescentes aceitam a paternidade, mesmo a gravidez não tendo sido planejada. (COSTA et al, 2005). Acompanhar a gestante ao pré-natal, assim como todo um conjunto de atitudes diante da gravidez, faz parte do comportamento atualmente vislumbrado pelos homens diante da paternidade. Pesquisas apontam que o pai adolescente tem apresentado maior interesse na participação cotidiana, demonstrada através do companheirismo e cuidados com a gestante assim como com a criança, exercitando de forma positiva e plena a paternidade. (COSTA et al, 2005).

Para Garcia (1998) e Corrêa (2005), a paternidade é uma das formas sociais de reconhecimento da masculinidade, pois a prática heterossexual é pré-requisito para a ocorrência da gravidez. Dessa forma, muitos pais adolescentes parecem sentir-se orgulhosos da paternidade, tendo em vista que o filho é a prova de sua virilidade. A paternidade na adolescência entre jovens das camadas populares representa a ascensão à vida adulta e a redefinição em termos de “homem sério”, “viril” e “maduro” que esse jovem pai assume

perante seus pares e familiares. Afbale-Munsuz, Liang, Ponce, Walsh (2006) verificaram que adolescentes, com gestações intencionais, remetiam a gravidez, principalmente, à oportunidade de se sentirem mais amados e obterem maior aproximação com a família ou parceira.

O exercício da paternidade não constitui uma relação estanque, igual em todas as sociedades, incorporado ao longo da existência, por experiências relativas à sexualidade, guardando pois uma relação com as subjetividades dos indivíduos nela envolvidos (CORRÊA, 2005). Esse exercício é uma “relação múltipla por ser cultural, circunstancial, temporal, específica e interpessoal, o que impede o estabelecimento de verdades a seu respeito” (Silveira, 1998, p.36). Dessa forma, espera-se que cada pai adolescente reaja de uma forma à notícia da gravidez coerente com seus valores, crenças e condutas sexuais e reprodutivas, atribuindo diferentes significados à experiência.

Idéia central: Ao constatar a veracidade da gravidez o pai adolescente fica preocupado, triste e com raiva de si mesmo por não ter usado camisinha.

Expressões Chave:

Fiquei com raiva de mim mesmo por não ter usado camisinha.

Estou um pouco preocupado.

Fiquei meio preocupado.

Fiquei meio triste, pois não queria ser pai assim.

Fiquei preocupado, não pretendia ter filhos agora nesta idade.

Logo que nós conversamos foi muito complicado. Olha eu sou bem responsável e não queria ter filhos agora.

Surpresa!

DSC: *Fiquei preocupado, com raiva de mim mesmo por não ter usado camisinha. Triste, pois não queria ser pai assim, nesta idade. Logo que nós conversamos foi muito complicado. Olha, eu sou bem responsável e não queria ter filhos agora. Foi uma surpresa!*

O DSC revela que o adolescente que não planejou a gravidez apresenta-se arrependido por não ter utilizado métodos contraceptivos de forma correta e revela que tornar-se pai com pouca idade era algo impensado nesse momento.

Conforme estudo de Trindade, Menandro (2002), a notícia de que se vai ser pai nem sempre é bem aceita; muitas vezes causa abalo e choque como também sentimentos negativos como revolta, medo e vergonha. Outros adolescentes afirmam a prevalência dos sentimentos de alegria, mas na grande maioria referem despreparo para lidar com a situação de tornarem-se pais. Alguns adolescentes referem o fato de se considerarem imaturos, inexperientes para assumir a paternidade. Sua falta de expectativas e as exigências em relação ao que é ser pai podem gerar um sentimento de privação com relação às oportunidades de vivenciar as etapas importantes para o seu desenvolvimento como pai (TRINDADE e MENANDRO, 2002).

Frente à gravidez da companheira, o jovem pai pode vivenciar vários problemas

diminuindo a intensidade de suas aspirações com a paternidade, tais como: o aumento da responsabilidade, a educação da criança, a falta de recursos financeiros, o sentimento de falta de maturidade e de frustração por tentar conciliar o cuidado da criança e a vivência da adolescência, a perda da liberdade, os conflitos com a mãe do bebê e com vários membros da família da parceira, bem como a dificuldade de frequentar a escola (CABRAL, 2003; LEVANDOWSKI; PICCININI, 2006).

Nesse sentido, Lyra-da-Fonseca (1997) relata que, em nossa sociedade, ainda é comum, caso a gravidez ocorra, esperar-se que o jovem “repare o erro” cometido através do casamento. Ao pensar no filho como um erro, o adolescente pode apresentar raiva por ter se permitido estar nessa situação devido ao não uso de um método preventivo.

Estudos com pais adolescentes evidenciam que a notícia da gravidez da namorada causou-lhes abalo, diante do inesperado (MEINCKE, CARRARO 2009). O impacto da notícia depende da história do casal e do tipo de relação que une o homem e a mulher. Na adolescência, desejar um filho pode ser diferente de se projetar como pai. Enquanto o desejo de ter um filho é ainda um plano de fantasia, imaginar-se pai, receber a notícia que isso é real, remete o adolescente a um mundo de responsabilidades que deverão ser assumidas, o que pode causar-lhe inseguranças e despreparo. Ao ser culpabilizado pela gravidez, pode sentir-se incompreendido e desamparado em suas angústias (KITAHARA, ROSSI, GRAZZIOTIN, 2005).

Na sociedade contemporânea, a gravidez e a paternidade, durante essa etapa da vida, ainda são consideradas indesejáveis, segundo não somente o senso comum como mostra a literatura científica, por gerarem consequências negativas para a vida do adolescente (CORRÊA, FERRIANI, 2006). A negação da paternidade é uma possibilidade basicamente masculina, uma vez que as cobranças sociais exigem da mulher posturas maternas, ou seja, que ela não somente assuma a gravidez como desempenhe inquestionavelmente as funções socialmente estabelecidas como maternas (CORRÊA, 2005).

Idéia central: Alguns pais adolescentes ficam felizes e alegres frente à possibilidade da paternidade.

Expressões Chave:

Fiquei feliz por poder ser pai
Nós já estamos juntos e vai ser bom
Vai ser bom ter um filho fruto de nós dois
Depois do susto, agora estou até gostando.
Fiquei feliz por poder ser pai.
Vou tentar melhorar e assumir o meu filho.
Agora estou bem.

Resolvi assumir
Estou sentindo alegria e muita responsabilidade

DSC: *Fiquei feliz por poder ser pai agora que já estamos juntos. Vai ser bom ter um filho fruto de nós dois. Depois do susto, agora estou até gostando. Fiquei feliz por poder ser pai. Vou tentar melhorar e assumir o meu filho. Estou bem, resolvi assumir. Estou sentindo alegria e muita responsabilidade.*

Pais adolescentes, mesmo que ainda sejam classificados como ausentes, cada vez mais vêm assumindo o seu papel, acompanhando suas namoradas em função de uma vontade pessoal e não somente por pressões familiares ou sociais (SIQUEIRA et al, 2002; CABRAL, 2003; COSTA et al, 2005). Segundo –da-Fonseca (1997), o primeiro sinal do sentimento de responsabilidade seria o reconhecimento da paternidade (legal-formal e informal-voluntário).

No reconhecimento voluntário, o pai procura acompanhar o desenvolvimento do filho e se esforça para dar suporte à mãe. O “assumir” é indicativo de que a paternidade é um evento biográfico importante para o jovem na construção da imagem de si, de sua identidade masculina. (CABRAL, 2003). Em estudo realizado com pais adolescentes, a maioria dos jovens revelou satisfação com a condição de pai, mesmo levando em conta o aumento de responsabilidade. Além do que todos terem afirmado “o apego aos filhos”. Nesses casos, os pais adolescentes enfatizaram outros sentimentos positivos como a felicidade, a alegria, o afeto e o carinho sobre a concretude da paternidade. (MEINCKE; CARRARO, 2009).

Vendo o filho nascer, o pai tem a oportunidade de pari-lo emocionalmente. (RAMIRES, 1988). Ver no filho a concretização do seu amor, uma parte de si e de sua mulher, também gera uma grande emoção no homem. (ESPÍRITO SANTO; BONILHA, 2000). Dessa forma, mesmo em situação de grande vulnerabilidade social, a notícia da paternidade e o nascimento de seu filho pode ser fonte de prazer e felicidade para o jovem pai.

Frente à paternidade na adolescência, estudo mostrou que futuros pais mencionaram expectativas de mudanças pessoais após o nascimento do bebê, como aumento da responsabilidade. O mesmo estudo identifica mudanças na forma de pensar e na organização da casa, assim como uma maior atenção para o bebê e o aumento da família como fatores positivos apontados pelos pais adolescentes frente à paternidade na adolescência. (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2006).

Segundo Ramires (1997), no que se refere aos filhos, os homens só estão excluídos do ato de gestar e amamentar, podendo ser sujeitos coparticipantes em todos os momentos, auxiliando, apoiando mãe e filho e fortalecendo os laços entre eles, tornando-se, assim, mais responsáveis e felizes. (COSTA et al, 2005).

5.3 QUALIDADES DE UM BOM PAI

Para o pai adolescente as principais qualidades de um bom pai é ser chefe de família, trabalhar e ser o provedor da família. Em relação ao cuidado com os filhos, para o pai adolescente, o bom pai é aquele que dá atenção, ajuda, cuida, conversa, dá carinho e atenção, é amigo e sabe educar e com quem o filho conta a qualquer hora.

Trindade e Menandro (2002) identificaram mudanças na configuração da paternidade no discurso de adolescentes pais, na medida em que eles atrelam à figura do pai o adjetivo cuidador; além de provedor, o pai é considerado importante no processo de desenvolvimento dos filhos, podendo participar da relação de cuidados dos mesmos, tratando-se de fonte de carinho e afeto. Portanto, atualmente, destaca-se, no cenário acadêmico brasileiro, uma abordagem crítica da paternidade na adolescência, rompendo com concepções estigmatizadas desse fenômeno.

Idéia central: Para o pai adolescente as principais qualidades de um bom pai é ser chefe de família, trabalhar e ser o provedor financeiro da família.

Expressões Chave:

Ser um bom chefe de família, responsável e trabalhador.

É sustentar a família.

Ser trabalhador

Ser religioso, responsável e trabalhador.

Alguém pronto para tudo, enfrentar as dificuldades Saber ser homem, assumir as coisas, comandar a família, trabalhar, essas coisas. Basicamente sustentar os filhos.

Alguém que tenha emprego, seja responsável, cuide dos outros

Ah, saber tomar conta de tudo, cuidar das necessidades dos filhos.

DSC: *Ser um bom chefe de família é ser responsável e trabalhador; sustentar a família. Alguém pronto para tudo, para enfrentar as dificuldades Saber ser homem, assumir as coisas. Basicamente, sustentar os filhos. Ah, saber tomar conta de tudo, cuidar das necessidades dos filhos.*

Ancorado na idéia de que o pai é o homem que trabalha e sustenta a família, o jovem passa então a reproduzir esse discurso de que, para ser um bom pai e sentir-se realizado no seu papel, o homem tem que ser trabalhador e o provedor financeiro da família.

Muitos desses adolescentes, apesar de viverem em lares nos quais a figura paterna é ausente e a mãe configura-se como a única provedora, reproduzem o modelo, ainda vigente, caracterizando o bom pai como provedor. Talvez isso ocorra porque segundo Siqueira (1999, p. 193) “a função de prover a família, tradicionalmente atribuída ao homem, encontra-se associada à própria identidade masculina. Colocando-a em xeque, conseqüentemente, a identidade

masculina também o está”. Verifica-se, assim, que, apesar de estar se modificando, o modelo patriarcal de organização social deixou resquícios e marcas profundas na sociedade brasileira contemporânea de forma que, ainda hoje, é possível encontrar posturas paternas que remetem àquele modelo. (CORRÊA, 2005).

Mesmo assim, o papel de provedor do lar como exclusivo da figura masculina está sendo modificado. (MEINCKE; CARRARO, 2009). Em nossa sociedade, apesar do termo provedor ser geralmente empregado nos discursos referentes ao exercício idealizado da paternidade, atualmente, pode-se identificar com maior frequência pais (homens) de diversas gerações relacionando-se com seus filhos de determinadas maneiras que décadas atrás poderiam ser consideradas inapropriadas para o até então tradicional padrão de exercício da paternidade. (ORLANDI; TONELI, 2005).

A qualificação do adolescente para o mercado de trabalho, geralmente, é precária devido à sua escolaridade e falta de formação profissional. Muitos desses adolescentes lutam pela sobrevivência fora de suas casas desde cedo e, alguns, assim como as adolescentes, também assumem tarefas em casa como o cuidar dos irmãos menores, cozinhar, limpar a casa, e assim por diante. (SIQUEIRA et al, 2002). Dessa forma, estão longe de tornarem-se os “provedores” exclusivos de suas famílias, estando fora dos padrões estabelecidos por eles mesmos como qualificadores de um bom pai.

No entanto, podem ser tão competentes quanto as mães na interação com seus filhos e filhas pequenos; por isso, é possível que uma interação positiva pai-bebê possa compensar, parcialmente, sua falta de competência como provedores financeiros. (PARKE, 1996). Ele pode prover sim um modelo positivo, tanto aumentando os cuidados com seus filhos, quanto apoiando a mãe adolescente, o que contribui para uma melhor criação dos filhos. (FRIZZO; PICCININI, 2005).

Idéia Central: Em relação ao cuidado com os filhos, para o pai adolescente, o bom pai é aquele que dá atenção, ajuda, cuida, conversa, dá carinho e atenção, é amigo e sabe educar e com quem este conta a qualquer hora.

Expressões Chave:

Cuidar dos seus filhos

É dar atenção, ser responsável, respeitar e saber educar o filho.

Ajudar os filhos.

Cuidar deles quando são pequenos

Não abandonar os filhos, assumir tudo, cuidar dos filhos e ajudar sempre.

Alguém que um filho possa contar a qualquer hora para qualquer coisa.

Saber ouvir, educar, conversar, dar carinho, atenção, ser amigo, gostar e amar seus filhos por aí vai, mas as principais são essas.

DSC: *O bom pai é aquele que dá atenção, é responsável, respeita e sabe educar o filho. Ajuda os filhos. Cuida dos seus filhos quando são pequenos, não os abandona. Sabe ouvir, educar, conversar, dar carinho, atenção, ser amigo, gosta e ama seus filhos. Alguém que um filho possa contar a qualquer hora para qualquer coisa.*

O DSC acima evidencia o surgimento de um “novo pai”. Um que além de provedor é, também, um cuidador que mantém uma relação muito próxima de afeto com seu filho.

Verifica-se, assim, que a experiência da paternidade vem se modificando, surgindo um maior envolvimento afetivo e uma maior preocupação do pai adolescente com a divisão de cuidados do filho com a mãe e, também, com a interação mais próxima e um companheirismo maior entre pai e filho. (ROHDE et al, 1991; SCHNEIDER et al, 1997). O “novo pai” que está surgindo é um homem que procura preparar-se emocionalmente para assumir, tanto quanto a mulher, um papel ativo nos cuidados e na criação de seus filhos e filhas.

O pai sente-se tão responsável pelo filho quanto a mãe e sabe que não basta ver o filho de vez em quando para ser um bom pai. (BADINTER, 1985). Estudo realizado por Perucchi e Beirão (2007) refere que a paternidade está vinculada à participação efetiva dos pais na educação dos filhos sendo estes tão responsáveis pela construção da história dos filhos como a mãe. A relação de pai apenas como provedor já foi superada, pois a tarefa de educar sobressai a de prover.

Acredita-se que quanto mais precoce for o contato do pai adolescente com o filho recém-nascido, mais é possível desenvolverem-se laços adequados entre ambos. Um dos desafios que esse homem está precisando enfrentar é o de viabilizar o dia-a-dia do trabalho com o exercício constante da paternidade. Os padrões de paternidade modificam-se para adaptarem-se aos novos padrões da família. (ESPÍRITO SANTO; BONILHA, 2000).

Rico (2009) refere que, como a criança já guarda lembranças na vida pré-natal e é capaz de retê-las, a ligação profunda e intensa pai-feto é essencial para a continuação do vínculo pós-nascimento. Esse pai, então, deixa de ser mero provedor para compartilhar dos cuidados básicos com o bebê, bem como de sua educação e desenvolvimento físico-emocional. (RICO, 2009). Assim, a importância da participação do pai na relação de cuidados exigidos pelos filhos já era alvo de pesquisas desde a década de 1970. (ORLANDI; TONELI, 2005). A literatura

especializada tem abordado um fenômeno denominado como “novas formas de paternidades”, sendo que o mesmo refere-se à “participação mais efetiva dos homens no cotidiano familiar, particularmente no cuidado com a criança”. (LYRA-DA-FONSECA, 1998, p. 194). Hoje, a importância atribuída à afetividade na relação pais e filhos torna crescente a visibilidade da figura do pai como cuidador.

O pai de hoje dispõe-se “a viver o novo, a ter uma relação em que não se prive de viver a emoção de ser pai”. (SCHNEIDER et al, 1997, p 121). A concepção atual de paternidade estabelece que, além de o pai ter uma proximidade afetiva maior com o filho, ele seja um participante ativo e amoroso não só da concepção, mas também e principalmente da gestação, do parto e do pós-parto (MALDONADO; DICKSTEIN; NAHOUM, 1997).

5.4 O VIVER DO PAI ADOLESCENTE A PARTIR DA PATERNIDADE

Neste capítulo, os discursos evidenciam que os adolescentes não se sentem preparados para o exercício da paternidade no momento, necessitando de ajuda. Para exercer seu papel de pai eles se espelham em outra figura masculina. O apoio da família apresenta-se como muito importante para o pai adolescente nessa hora. Além disso, ter um emprego e morar com a companheira facilita o exercício da paternidade.

Os dados revelam as principais dificuldades enfrentadas pelos pais adolescentes para o exercício da paternidade, que são a falta de emprego ou a baixa remuneração, o medo de não saber cuidar da criança ou o não ter tempo para cuidar, necessitando de ajuda para fazê-lo, como também o fato de ter que trabalhar, podendo assim interromper o seu processo de escolarização, assim como a falta de apoio familiar.

Verificou-se, também, que a necessidade de sustentar a criança faz com que o pai adolescente tenha que entrar precocemente para o mercado de trabalho e que, para exercer a paternidade, muitas vezes, ele precisa mudar de casa. A paternidade faz com que o adolescente torne-se mais responsável, pois a chegada de um filho faz com que se preocupe com o cuidado, a educação e o sustento do bebê. Além disso, ao tornar-se pai, afasta-se de suas amizades e deixa de ir a festas.

Idéia Central: O adolescente não se sente preparado para o exercício da paternidade, necessitando de ajuda para exercer este papel.

Expressões Chave:

Mais ou menos, agora acho que não adianta pensarnisso e sim fazer o que for preciso, para que o meu filho tenha condições.

Mais ou menos, acho que só na hora eu vou saber.

Ainda não, mas já estou melhor agora, acho que até ir para casa eu já vou estar pronto pra tudo.

Na verdade não sei mesmo. Acho que sim, mas não sei. É muita pressão, mas até agora estou assumindo tudo.

Não me sinto preparado para ser pai, mas meu irmão está me ajudando com isso.

Mais ou menos, tenho que aprender muitas coisas ainda.

Não, vai ser complicado agora. Eu ainda não sei o que vou fazer.

DSC: *Não me sinto preparado para ser pai. Acho que só na hora eu vou saber. Não adianta pensar nisso agora. Até ir para casa eu já vou estar pronto pra tudo. É muita pressão, mas até agora estou assumindo tudo. Tenho que aprender muitas coisas ainda, mas meu irmão está me ajudando com isso. Vai ser complicado. Eu ainda não sei o que vou fazer.*

O DSC acima exprime com clareza os sentimentos dos jovens pais que, na maioria das vezes, sentem-se despreparados para serem pais e enfrentarem o processo de paternidade, mas, ao mesmo tempo, acreditam que, apesar das dificuldades que surgirão com a paternidade, conseguirão dar conta do seu papel. Nutrem-se de um sentimento de autosuperação, essencial para que consigam cumprir o seu papel como pai.

A participação do pai adolescente junto à criança traz importantes contribuições e questões ao exercício dos direitos reprodutivos de homens e mulheres no nosso país. (CARVALHO, 2003). A iminência da paternidade requer que o adolescente assuma um papel, para o qual ainda pode não estar social e psicologicamente preparado, podendo colocar a ele e a criança em situação de risco pessoal. (LEVANDOWSKI et al, 2002).

A maioria dos futuros pais adolescentes não se percebe como estando pronta para o evento. Estudos encontrados sobre o tema enfocam principalmente a questão do frequente abandono entre pai adolescente e os possíveis danos para o desenvolvimento da criança. (AMAZARRAY et al, 1998; LEVANDOWSKI, 2001b, LEVANDOWSKI, PICCININI, 2002, SOUSA, 2009). Revelaram que a paternidade é considerada na sociedade ocidental como um evento de vida adulto. Sua ocorrência na adolescência acarretaria problemas adicionais aos envolvidos, na medida em que não haveria uma organização social - incluindo a escola e condições de trabalho - para preparar e apoiar os jovens nas modificações necessárias decorrentes da chegada de um bebê. (MONTMAYOR, 1986; RUSSEL, 1980).

Os adolescentes experimentariam mais eventos estressores do que os adultos ao se depararem com a paternidade. As possíveis causas dessa situação estressora estariam relacionadas à imaturidade psicológica e à falta de condições estruturais (ex. condições de sobrevivência e manutenção próprias e da família: emprego, escolarização, casa própria, etc.) para lidar com a nova situação. Diante de uma gravidez, em pouco tempo e de modo súbito, os

adolescentes precisam assumir responsabilidades e desempenhar papéis que estariam fora de seus planos de vida imediatos. (DIAS; AQUINO, 2006).

Qualquer evento percebido como estressor, inclusive a paternidade na adolescência, pode predispor resultados negativos ou indesejados. No entanto, a trajetória do risco pode ser amenizada pelos mecanismos de proteção disponíveis e da resiliência de cada membro da interação frente a condições adversas. Características individuais, sistema familiar e rede de apoio social e afetivo têm sido apontados como os indicadores de proteção mais eficazes para a promoção de resiliência ou como os fatores de risco mais críticos para a instalação de condições de vulnerabilidade. (LEVANDOWSKI et al, 2002).

Pais adolescentes, mesmo diante da nova situação a ser enfrentada, que é percebida como de risco, podem fazer planejamentos, emitir ações com objetivos definidos e tecer estratégias de como alcançá-los. No entanto, a continuidade e a estabilidade dos mecanismos de proteção garantem o sucesso e a saúde na execução desse planejamento, uma vez que tanto a resiliência quanto a vulnerabilidade não são fenômenos permanentes no tempo e em todas as dimensões do desenvolvimento psicológico. (LEVANDOWSKI et al, 2002).

Alguns estudos têm salientado que mais pais adolescentes demonstram o desejo de auxiliar financeiramente e participar do cuidado da criança. Além disso, na interação com o bebê, podem ser tão responsivos quanto os pais adultos, pelo menos nos primeiros meses de vida do bebê. (LEVANDOWSKI, 2001a), sentindo-se seguros e confiantes sobre o desempenho em seu papel parental. No entanto, cada adolescente lida com a situação da paternidade de forma única, dependendo de seus recursos pessoais, da rede de apoio social e afetiva, da relação com a mãe do bebê, entre outros aspectos. Quando esses fatores agem de forma protetiva, o adolescente poderá apresentar resiliência e ficar fortalecido e competente para assumir seu papel de pai. (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2002).

Cabral (2003), ao estudar pais adolescentes cariocas, verificou que, de forma geral, eles consideraram inoportuno o momento da primeira gravidez, em função da ausência de condições materiais para o cumprimento do papel de “chefe de família”. Dados semelhantes foram encontrados por Aquino et al (2003) com pais soteropolitanos, porto-alegrenses e cariocas, pois, no momento da primeira gravidez, a ampla maioria dos jovens entrevistados (85,6% dos homens) não estava pretendendo tornar-se pai, ou sequer pensava no assunto.

A falta de modelos paternos e a revolução social atual deixam-nos inseguros em relação ao que seriam as funções e comportamentos ideais a serem seguidos pelos pais. (GOMES; RESENDE, 2004; PICCININI; GOMES; MOREIRA, 2004). Nesse contexto, os futuros pais podem sentir-se perdidos e confusos quanto ao que esperar do novo papel, pois se encontra em um processo de redefinição: de um lado, existem as demandas do papel tradicional de pai

(provedor da família) e, de outro, novas demandas de maior participação e envolvimento. (BUSTAMANTE, 2005; CARVALHO, 2003; CASTOLDI, 2002; COSTA, 2002; COSTA et al, 2005; GOMES; RESENDE, 2004; LEVANDOWSKI; PICCININI, 2006).

O que se verifica é que, frente ao diagnóstico da gravidez, os pais adolescentes apresentam dúvida quanto à sua capacidade para desempenhar o papel paterno, e dificuldade para imaginar-se como pai. (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2006).

Idéia central: O pai adolescente se espelha em outra figura masculina para exercer seu papel de pai.

Expressões Chave:

O meu pai, para mim foi o melhor.
 Para mim um exemplo de pai é o meu próprio pai.
 Sim, meu irmão.
 O meu avô, ele foi o meu pai
 O meu avô, ele foi tudo para mim.

DSC: *Para mim bons moddos de pai foram o meu próprio pai, meu irmão, meu avô. O meu pai foi o melhor.*

O DSC acima revela que a presença de um modelo de atuação masculina auxilia o jovem pai na sua vivência da paternidade, possibilitando-lhe um parâmetro de como agir.

Um aspecto relevante no processo de constituição masculina como pai consiste na apropriação dos significados referentes à atividade de cuidar dos filhos no cotidiano de sua família de origem, no contexto das relações estabelecidas com o seu próprio pai ou outra figura masculina significativa. (ORLANDI; TONELI, 2005). Alguns adolescentes desejavam ensinar para o filho o que aprenderam com os próprios pais, mas corrigindo seus erros. Aliás, o fato de tentar ser como o próprio pai corrobora com os achados de outros estudos na área de apego e família, de que os genitores servem como modelo parental direto ou indireto para os futuros pais e mães. (TRINDADE; BRUNS, 1999).

Tornar-se pai é uma transição existencial normal no desenvolvimento emocional do homem. Nesse período, é necessário um reajuste dos papéis. A gravidez é um período de preparo para pai e mãe. Nesse momento eles começam a formar o vínculo com o filho e a preparar a família para a chegada de um novo membro. (MALDONADO; DICKSTEIN; NAHOUM, 1997). Frente a esse preparo percebe-se uma ambiguidade dos sentimentos paternos entre alguns jovens: ao mesmo tempo em que afirmam o exercício da paternidade, demonstrado principalmente pela responsabilidade assumida, não se reconhecem como pais pela distância entre o modelo idealizado da figura paterna e seus sentimentos e práticas em relação aos filhos. (TRINDADE; MENANDRO, 2002).

Na busca por um equilíbrio emocional, o pai pode ser utilizado como modelo direto, o que gera um repetir de suas ações; ou indireto, no momento em que o adolescente reflete sobre sua experiência e a recria, elaborando uma maneira própria de educar seu filho e se relacionar com ele. Apesar de muitos adolescentes adotarem como modelo paterno o seu próprio pai, referem que estavam sendo melhores para suas crianças do que seus pais haviam sido para eles. (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2006).

Idéia Central: O apoio da família apresenta-se como muito importante para o pai adolescente nesta hora.

Expressões Chave:

Morar com os meus pais.

A ajuda da minha namorada e da minha família. A minha avó e a minha tia.

Aos nossos pais, mas basicamente a minha família.

Não sei, acho que a mãe dela me aceitar é bom.

Ao meu pai, ele disse que vai me ajudar. Acho que ter o meu pai por perto vai ajudar bastante, ele disse que vai me ajudar. Qualquer coisa vou poder falar com ele.

A ajuda da minha vó. Acho que por não ter pai eu sei como é então vou tentar ser um bom pai para o meu filho. Dar tudo o que eu não tive.

A minha mãe e minha irmã, elas já tem filhos, então têm mais experiência que eu e estão dispostas a ajudar. Ter a ajuda em casa vai fazer muita diferença.

Acho que o apoio da família vai ser essencial nesse momento. Tenho muita vontade de assumir tudo e levar em frente o relacionamento e o meu filho.

A mãe dela vai nos ajudar, pois ela está no colégio, mas vai sair. O principal vai ser a ajuda que a mãe dela vai nos dar.

DSC: *Acho que o apoio da família vai ser essencial nesse momento. A minha avó e a minha tia, a minha mãe. O meu pai disse que vai me ajudar. Acho que ter o meu pai por perto vai ajudar bastante. Qualquer coisa vou poder falar com ele. A minha irmã já tem filhos, então tem mais experiência que eu e está disposta a ajudar. A mãe dela vai nos ajudar, também. Vou tentar ser um bom pai para o meu filho. Dar tudo o que eu não tive. Tenho muita vontade de assumir tudo e levar em frente o relacionamento e o meu filho.*

O DSC demonstra a importância do apoio da família nesse momento. Além desse apoio também é evidenciada a vontade dos jovens em cumprir com o seu papel de pai frente à sua família e à sociedade.

A presença de uma rede de apoio é de substancial importância durante a adolescência, e, em especial, nos casos de gravidez, visto que tanto a mãe adolescente quanto o seu bebê são dependentes de uma atenção individual dos adultos (SOUSA, 2009). A família, nesse contexto, representa a base para uma gravidez mais segura e, assim, com menos riscos para a díade mãe-filho.

Meincke e Carraro (2009) afirmam que é, também, necessário cuidar do homem-pai “grávido”, durante o processo de paternidade. É fundamental permitir, convidar, estimular,

proporcionar aproximação, a fim de oportunizá-lhe fazer parte desse processo. É na família que se inicia o aprendizado sobre o exercício da sexualidade e é na infância que acontecem os primeiros sinais de realização sexual e afetiva no contato com os pais ou substitutos, através de relações que geram as primeiras sensações de prazer e desprazer. (CORRÊA, 2005). Assim, o apoio familiar é um fator de grande importância no efetivo desempenho do papel paterno pelo adolescente. (LEVANDOWSKI, 2001b).

Os avós foram mencionados por alguns pais adolescentes como fonte de orientação para a resolução de problemas corriqueiros com as crianças e, em alguns casos, foram considerados pelos jovens como aqueles que efetivamente criavam a criança. Os jovens mostraram-se gratos pelo apoio oferecido pelos avós, principalmente os avós maternos. Foram referidos como apoio a ajuda financeira, tanto para lidar com a criança como para a manutenção do casal, os cuidados diários com a criança, possibilitando ou facilitando o estudo ou o trabalho dos pais, e o acompanhamento das atividades de lazer em fins de semana. (TRINDADE; MENANDRO, 2002).

Estudo realizado com casais adolescentes identificou que mais de 80% deles trabalhavam, com renda inferior ou igual a um salário mínimo, o que coloca esse grupo dentro da condição de risco social. Assim, a instabilidade socioeconômica tem sido o principal fator apontado para a coabitação de gestantes, mães e pais adolescentes com suas famílias de origem, mesmo na condição de casados e de comunhão livre. (GAMA et al, 2001). Godinho et al (2000) e Lima et al (2004) verificaram, em estudos, que todas as adolescentes grávidas investigadas recebiam apoio financeiro dos pais e a maioria ainda morava com eles. Segundo Nascimento (2006, p. 64)

as precárias condições de existência, agravadas pelas reduzidas oportunidades no mercado de trabalho, retêm os jovens das classes populares no seio das famílias de origem. Nessas circunstâncias, além de coabitarem com seus pais e/ou parentes, os jovens permanecem economicamente dependentes deles.

Na maioria dos casos a ajuda da família é fundamental; ela é que provê moral e materialmente as condições para que o jovem possa “assumir a paternidade”. O apoio financeiro foi predominante nos estudos conduzidos por Siqueira et al (2002) e Cabral (2003) no contexto brasileiro no que tange ao apoio familiar ao jovem casal grávido. Nesse sentido, percebe-se que os pais adolescentes enfrentam muitas questões semelhantes às de pais adultos, apesar de terem menos recursos que eles. (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2006). Além do apoio financeiro a segurança familiar é um aspecto a ser ressaltado, pois os jovens relatam sentirem-se mais seguros com o apoio parental. (MEINCKE; CARRARO, 2009).

Idéia Central: Ter um emprego facilita o exercício da paternidade

Expressões Chave:

Acho que por terem me chamado para trabalhar vai ser bem fácil.
 Por já estar empregado e ela trabalhando acho que vai ser mais fácil para nós dois
 Pelo menos eu tenho um emprego, tem muitos aí que não tem nem isso.
 Eu estou trabalhando e vendo se consigo uma vaga melhor com um amigo.

DSC: *Por já estar empregado e ela trabalhando acho que vai ser mais fácil para nós dois. Eu estou trabalhando e vendo se consigo uma vaga melhor com um amigo. Pelo menos eu tenho um emprego, tem muitos aí que não tem nem isso.*

O DSC evidencia que o trabalho apresenta-se como um importante facilitador para o pai adolescente, diminuindo sua vulnerabilidade.

Uma das consequências da paternidade é a obrigatoriedade do trabalho. Embora, em muitos casos, o trabalho já possa fazer parte da rotina do jovem, a paternidade leva o adolescente a ser provedor de sua própria família, resignificando o trabalho. Mesmo assim, a maioria dos adolescentes precisa da ajuda financeira de seus pais no enfrentamento da nova responsabilidade, especialmente no que se refere à moradia. (ALMEIDA; HARDY, 2007).

Ao assumir a paternidade, o adolescente pode passar por dificuldades de ordem econômica. Muitos, pela pouca escolaridade passam a exercer atividades como mão de obra não qualificada, necessitando interromper a vida escolar para entrar no mercado de trabalho. Esse fato pode acarretar uma maior vulnerabilidade psíquica tendo prejuízos sociais tanto devido às alterações da formação educacional quanto ao ingresso prematuro no mundo do trabalho. (CABRAL, 2003; LUZ; BERNI, 2010).

Cabral (2003) refere que, ao se tornarem pais, os adolescentes afirmam a imprescindibilidade de terem condições materiais suficientes, tais como emprego fixo, casa, condições financeiras, para a criação e manutenção do filho e da parceira.

Idéia Central: Morar com a companheira facilita o exercício da paternidade

Expressão Chave:

Ela também mora aqui.
 Vamos ter um local para nos acho que vai dar certo.
 Já estamos morando juntos e isto facilita minha convivência com o bebê.

DSC: *Já estamos morando juntos e isto facilita minha convivência com o bebê. Temos um local para nós. Acho que vai dar certo!*

O DSC evidencia que morar junto com a companheira apresenta-se como um fator de proteção à construção da paternidade pelo pai adolescente.

Lyra-da-Fonseca (2001) e Moura (2003) referem que a gravidez na adolescência tem sido apontada como importante fator precipitante da união não formal e coabitação entre os casais. Apesar de a maioria das gestações entre adolescentes ocorrer na ausência da união

conjugal, a boa convivência com a companheira ou com a mãe do seu bebê é primordial para que ele acompanhe a evolução da gestação, garantindo ao pai a participação ativa de todo o processo (AQUINO et al, 2003). Trindade e Menandro (2002) referem que a deterioração do relacionamento com as mães das crianças pode transformar-se em um obstáculo para o pai, ficando esse impedido de manter contatos frequentes com seu filho e, dessa forma, interferindo negativamente na qualidade do relacionamento pai-criança.

Nesse sentido, muitos adolescentes buscam na coabitação com a companheira a melhor forma de exercer a paternidade. A concepção atual de paternidade estabelece que, além do pai ter uma proximidade afetiva maior com o filho, ele seja um participante ativo e amoroso não só da concepção, mas também da gestação, do parto e do pós-parto. (MALDONADO; DICKSTEIN; NAHOUM, 1997). O nascimento de um filho é sempre uma experiência da família como um todo. Mesmo durante o período de gestação, em que o contato da mãe com o bebê é muito íntimo, o homem pode participar ativamente, assumindo um papel protetor em relação à mulher e vivenciando com ela as ansiedades e temores relacionados ao parto e puerpério.

A convivência diária do pai adolescente com sua companheira permite-lhe elaborar, dentro de si, a sua relação com o bebê e preparar-se para sua chegada. (ESPIRITO SANTO; BONILHA, 2000). O envolvimento do pai no parto favorece o desenvolvimento do apego e do sentimento de proteção do pai em relação ao filho. Esse envolvimento, geralmente ocorre mais efetivamente em situações em que o pai adolescente mora junto com sua companheira, permitindo o desenvolvimento de um relacionamento conjugal e uma interação pai-mãe-bebê. (FRIZZO; PICCININI, 2005).

Idéia Central: A falta de emprego ou a baixa remuneração dificultam o exercício da paternidade pelo adolescente.

Expressões Chave:

No momento, estar desempregado.

Acho que o principal vai ser que ela vai sair do emprego e eu vou ter que assumir tudo praticamente sozinho.

Não tenho emprego, isso vai ser difícil, se meu pai não ajudar vai complicar muito.

O meu emprego paga pouco

Acho que a principal dificuldade vai ser sustentar

Acho que nós dois deveríamos estar melhor economicamente, para poder dar melhores condições para a criança. Isso tudo

Eu estou trabalhando, mas meu contrato já vai acabar e arranjar um emprego agora vai ser complicado.

DSC: *Acho que a principal dificuldade vai ser sustentar a criança. Estava desempregado e agora o meu emprego paga pouco. Ela vai sair do emprego e eu vou ter que assumir tudo*

praticamente sozinho. Vai ser difícil, se meu pai não ajudar vai complicar muito.

O DSC evidencia que a falta de emprego ou a baixa remuneração comprometem ou dificultam o exercício da paternidade pelo pai adolescente.

Bruschini e Barroso (1980) referem que as dificuldades econômicas e afetivas podem ser as responsáveis pelo abandono do filho pelo pai adolescente, responsável por centenas de crianças e adolescentes desamparados.

Tendo em vista a dificuldade de o adolescente se inserir no mercado de trabalho e obter um emprego bem remunerado devido a sua pouca qualificação profissional, a maioria considera inoportuno o momento em que “aconteceu” o primeiro filho, sobretudo em função da ausência das condições ideais (leia-se materiais) para poder arcar e cumprir, de imediato, com todas as funções esperadas de um “chefe de família”. (CABRAL, 2003).

Idéia Central: O pai adolescente tem medo de não saber cuidar da criança ou não ter tempo para cuidar necessitando de ajuda para fazê-lo.

Expressões Chave:

O meu serviço é muito puxado, trabalho direto. Vai ser difícil estar em casa sempre para cuidar da criança.

Eu trabalho de noite então já sabe vai ser tudo com ela.

Acredito que as maiores dificuldades serão no cuidado com a minha filha, pois não entendo muito bem disso, mas com o tempo irei aprender.

A maior dificuldade vai ser cuidar quando for bebe. Mas aos poucos vou ir aprendendo tudo.

As de um pai novo, não saber fazer as coisas. Se não for pelo meu irmão que já é pai acho que seria mais complicado.

Então não vou ter muito tempo pra ajudar.

Sem contar que não entendo praticamente nada de cuidar um filho assim como ela.

Educar o meu filho será complicado ainda mais trabalhando fora.

DSC: *Acredito que as maiores dificuldades serão no cuidado com a criança, pois não entendo muito bem disso. Sou um pai novo, não sei fazer as coisas. O meu serviço é muito puxado, trabalho direto. Vai ser difícil estar em casa sempre para cuidar da criança. Eu trabalho de noite e não vou ter muito tempo pra ajudar. Então já sabe vai ser tudo com ela. Educar o meu filho será complicado ainda mais trabalhando fora. Mas aos poucos vou ir aprendendo tudo.*

A participação do pai no cuidado ao filho pode ser vista como um fato inato, geneticamente determinado, mas na prática não se expressar na sua plenitude, por fatores culturais e sociais. (KITAHARA; ROSSI; GRASSIOTIN, 2005). Em um estudo realizado por Meincke, Carraro (2009), destacam-se, entre os sentimentos negativos, o medo com a notícia da paternidade e a ansiedade de não saber como enfrentar o processo da paternidade.

Alguns pais adolescentes referem que poucas oportunidades têm-lhe sido dadas para participar ativamente no cuidado à criança por suas companheiras. Ainda se fazem presentes nas representações das adolescentes as diferenciações existentes entre o papel da mulher e do homem no que se refere à educação e à responsabilidade para com seus filhos. As mães adolescentes expressam que as atitudes do homem estariam mais diretamente associadas ao prover financeiramente do que à responsabilidade com a educação das crianças. Enquanto a mulher, por ser a geradora, acaba tendo mais obrigações com o cuidado. (TELLES, 2007). Esse fato pode tornar o pai adolescente inseguro quanto a sua capacidade e competência como cuidador.

De acordo com Lamb e Elster (1986), a qualidade da interação está relacionada às características pessoais do genitor, mas também é fortemente influenciada por características da criança e do ambiente. Especificamente, essa habilidade poderia ser influenciada pelo desenvolvimento cognitivo do adolescente, por suas atitudes em relação ao cuidado de crianças, pela quantidade de seus conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, pelas características de seu bebê, pelos eventos estressantes vivenciados e sua capacidade de lidar com eles e pela presença ou não de uma rede de apoio social.

Andrade, Ribeiro e Silva (2006) afirmam que a experiência do cuidar de seu filho, para os adolescentes, é determinada pela ação e interação com sua família e os profissionais de saúde que os auxiliam nos cuidados. A família e os profissionais de saúde exercem um papel de substancial importância, já que podem facilitar a vivência da paternidade pelos adolescentes, oferecendo-lhes apoio e se fazendo presentes. Esse apoio pode favorecer para que os medos e expectativas negativas sejam desfeitos com o tempo, pois, conforme Levandowski, Piccinini e Lopes (2008), ao perceber que é capaz de cuidar de seu filho, o adolescente passa a se sentir mais seguro.

Idéia Central: Ter que trabalhar pode interromper o processo de escolarização do pai adolescente.

Expressões Chave:

Eu não terminei a escola e gostaria de, pelo menos, terminar o segundo grau para ter uma chance melhor de emprego. Mas não sei como vai ser, pois vou ter que trabalhar.
Eu estou tendo que largar os estudos para ir trabalhar.

DSC: *Eu não terminei a escola e gostaria de, pelo menos, terminar o segundo grau para ter uma chance melhor de emprego. Mas não sei como vai ser, pois vou ter que trabalhar. Eu estou tendo que largar os estudos para ir trabalhar.*

O DSC refere que o ingresso no mercado de trabalho sobrepõe-se nas representações dos adolescentes ao processo de escolarização, talvez ancorados na idéia de pai como provedor financeiro da família.

Os pais adolescentes, que necessitam largar a escola para trabalhar, apresentam, segundo alguns autores, prejuízos na sua formação tanto em relação à escolarização quanto a sua alocação no mercado de trabalho. (PERSONA; SHIMO; TARALLO, 2004). O pai adolescente, que assume, ou que consegue assumir sua paternidade e, para isso, interrompe o processo de escolarização, tem diminuídas suas chances futuras em adquirir melhores postos de trabalho. Souza (1998), Costa et al (2001), Aquino et al (2003), Cabral (2003) e Santos (2008) referem que persiste a idéia de que a gravidez na adolescência representaria um poderoso mecanismo de transmissão intergeracional da pobreza, uma vez que seria a mola propulsora a interromper o processo de escolarização do jovem e, portanto, constituir-se-ia num obstáculo na busca por melhores postos de trabalho e remuneração.

Em relação ao processo de escolarização de pais adolescentes, estudo conclui que, entre jovens de classes médias, observaram-se alterações na condução dos projetos e trajetórias escolares, que, até então, processavam-se de modo linear. O mesmo não ocorreu entre os jovens das classes populares, cuja irregularidade das carreiras escolares independeu da paternidade. Os depoimentos dos homens não deixam dúvida de que o motivo principal para a evasão escolar

reside em sua inserção precoce no mercado de trabalho.

A dificuldade de conciliar essas atividades, associada ao forte anseio de ter o próprio dinheiro, deságua em privilégio conferido ao trabalho em detrimento dos estudos. É muito comum que os informantes refiram-se ao abandono escolar como uma decisão que partiu deles próprios, a qual era mantida às expensas de uma eventual oposição dos pais, uma vez que a renda auferida pelos garotos era em geral usada para consumo próprio, sendo assim uma contribuição apenas indireta para a renda familiar e o sustento da criança. Sua inserção precoce no mercado de trabalho não é, assim, legitimada pelos familiares. (HEILBORN et al, 2002).

No entanto, não se deve entender a questão da gravidez na adolescência e a evasão escolar como causa e efeito. Sousa (2009), Dias e Aquino (2006), referem que o nascimento de um filho pode ser entendido apenas como mais uma razão para a interrupção dos estudos e, não, o principal motivo para sua ocorrência, pois muitos adolescentes abandonam a escola antes mesmo da gravidez.

Segundo Cabral (2003), a adolescência vem sendo construída como uma etapa de preparação para a vida adulta, ou seja, como um período destinado à escolarização do jovem. Assim, a interrupção desse processo para trabalhar em decorrência da gravidez gerará dificuldades no futuro em termos de inserção no mercado de trabalho e nível de renda, devido à baixa escolarização.

Idéia Central: A falta de apoio familiar dificulta o exercício da paternidade pelo pai adolescente.

Expressões Chave:

A família dela não nos quer juntos, então vai ser bem difícil. Quero poder ajudar a criança pelo menos.
Os pais dela não estão ajudando em praticamente nada.

DSC: *A família dela não nos quer juntos, então vai ser bem difícil. Os pais dela não estão ajudando em praticamente nada. Quero poder ajudar a criança pelo menos.*

A família é o palco em que se vivem as emoções mais intensas e marcantes da experiência humana. O resgate e o fortalecimento do vínculo entre pais e filhos é um aspecto essencial no processo desencadeado frente à gravidez na adolescência. (WAGNER; LEVANDOWSKI, 2008).

A família é o lugar onde é possível a convivência do amor e do ódio, da alegria e da tristeza, ou seja, é o lugar onde aprendemos a vivenciar sentimentos antagônicos, no qual aprendemos a trabalhar vitórias e frustrações. A busca do equilíbrio entre tais emoções, somada às diversas transformações na configuração familiar têm caracterizado uma tarefa ainda mais

complexa a ser realizada pelo adolescente ao constituir sua nova família, pois o mesmo terá que assumir a paternidade em um momento da vida em que está consolidando sua personalidade. (WAGNER, 2002). Nas situações em que o adolescente não recebe o apoio da família, poderá ter dificuldades em lidar com suas emoções, tornando-se mais inseguro e tendo dificuldades para o enfrentamento da situação vivida.

Desejar o filho, assumir a paternidade pode ser diferente de se projetar como pai. Enquanto o desejo de ter um filho é ainda um plano de fantasia, imaginar-se pai, receber a notícia que isso é real, remete-o à frente de responsabilidades que deverão ser assumidas, o que pode causar-lhe inseguranças e mostrar despreparo, além de intensos conflitos familiares. Alguns adolescentes podem sentir-se incompreendidos e desamparados por sua família em suas angústias, uma vez que todos se voltam para a gestante. Frente a esse fato, alguns saem em busca de amigos, afastando-se do ambiente doméstico, sofrendo sozinhos. (KITAHARA; ROSSI; GRASSIOTIN, 2005).

A gravidez pode favorecer situações de conflito com a família, como rejeição, críticas ou punições. (BALLONE, 2003). Nessas situações, o adolescente pode apresentar dificuldades em assumir seu papel de pai. Com uma estrutura psicológica ainda imatura e sentindo-se despreparado e inseguro, pode ter dificuldades para cuidar do bebê. Na maioria dos casos, a família funciona como a principal rede de apoio para o adolescente e, nas situações em que a mesma não cumpre essa função, as consequências podem oferecer riscos como a falta de cuidados adequados da criança. Sousa (2009) relata que, por vezes, algumas adolescentes podem apresentar a falta de desejo de ter o filho até mesmo após o parto e, quando esse fato se soma à falta de apoio familiar, os riscos para a falta de cuidados com o bebê aumentam.

A família, nesse contexto, representa a base para uma gravidez com menos riscos para a díade mãe-filho. No entanto, por fatores sócio-econômicos ou culturais, nem sempre ela está preparada ou se sente capaz de cumprir seu papel. Esteves e Menandro (2005) verificaram que, ainda hoje, é possível observar adolescentes sendo expulsas de casa em virtude de uma gravidez nessa fase da vida. Muitas adolescentes, ao revelarem que estão grávidas passam a sofrer violência tanto física quanto psicológica, sentindo-se assim inferiorizadas, culpadas, discriminadas, humilhadas e punidas em seu próprio lar. (MONTEIRO, 2007). Nessas situações, a adolescente grávida necessitará do apoio do pai adolescente e de sua família como forma de minimizar seu sofrimento. Dependendo das crenças familiares e de seus valores morais, ela pode se sentir impotente e envergonhada frente à gravidez na adolescência. Dessa forma, o adolescente pode passar a ser o núcleo por onde é descarregada toda a raiva e insegurança familiar. (MONTEIRO, 2007).

Idéia central: A necessidade de sustentar a criança faz com que o pai tenha que entrar precocemente para o mercado de trabalho.

Expressões Chave:

Preciso arranjar um emprego o mais rápido possível. Acabei de ser chamado em um emprego. Tomara que dê certo.

Agora o meu dinheiro vai ir todo para o meu filho. Pretendo vender a minha moto também, vai mudar muito desde já.

Muita coisa, agora vou ter que trabalhar.

Já consegui arranjar um emprego, que era o mais complicado, agora é só esperar.

Agora toda a minha vida vai mudar. Vou correr atrás de emprego, afinal já vou ser pai.

DSC: *Agora toda a minha vida vai mudar. Preciso arranjar um emprego o mais rápido possível. O meu dinheiro vai ir todo para o meu filho, vou vender a minha moto. Vou correr atrás de emprego, afinal já vou ser pai. Tomara que dê certo.*

O DSC evidencia que a gravidez na adolescência apresenta-se como uma das causas da inserção precoce do adolescente no mercado de trabalho. Assim, a inserção no mercado de trabalho, para muitos adolescentes, é uma consequência de paternidade. Trindade e Menandro (2002), em seu estudo, identificaram que o trabalho apresenta-se como fundamental para que o adolescente possa cumprir com suas responsabilidades frente à companheira e a seu filho.

Estudo sobre as representações de adolescentes acerca de sexualidade, gênero e as implicações na promoção da saúde verificou que está presente, no discurso dos adolescentes, a mudança de vida que representaria a questão da paternidade. Esses verbalizam que o pai os faria trabalhar para sustentar o filho, tendo que estudar à noite. Encontram-se contidas nessa verbalização as representações relacionadas ao papel de homem na sociedade como provedor e que, para ser pai, precisam trabalhar. (CARRETEIRO, 2004; TELLES, 2007). Segundo a autora, cabe ao pai, figura ancorada num modelo patriarcal, fazer com que o filho assuma a paternidade, que tenha condições de prover o bebê, provando socialmente sua masculinidade através da capacidade de responsabilizar-se por seus atos.

A autora também verificou, como presente nas representações dos adolescentes, a necessidade de trabalhar para dar conta do aspecto civil embutido na responsabilidade com a paternidade. Assim, concomitante com o aspecto moral de valorização e comprovação da masculinidade, a questão do prover possui o aspecto civil que vem sendo bastante divulgado. São frequentes as notícias de prisão paterna ou mesmo de avós paternos pelo não pagamento de pensão alimentícia. Transparece, no discurso dos adolescentes, que isso se constitui uma desvantagem para o homem, pois quem desfruta do dinheiro é a mãe da criança; então, de certa forma, a interesseira, que quer tirar vantagens financeiras dos homens, utiliza a gravidez para concretizar isso. (TELLES, 2007).

Através do trabalho remunerado, os pais procuram contribuir com seu filho e a mãe. No

entanto, esse auxílio é muito informal, pois os pais adolescentes, de um modo geral, são vulneráveis economicamente, têm dificuldades para conseguirem emprego e possuem pouca formação escolar. (LYRA-DA-FONSECA, 2001).

Idéia central: Para exercer a paternidade, o adolescente, muitas vezes, precisa mudar de casa.

Expressões Chave:

Agora vou tentar conseguir uma casa para nós dois, pois ela vai ter que passar mais tempo com a criança e não vai poder trabalhar
Conforme for vou ter que me mudar também então não sei o que vai acontecer, espero que ocorra tudo bem, principalmente com a criança.

DSC: *Vou ter que me mudar. Vou tentar conseguir uma casa para nós dois, pois ela vai ter que passar mais tempo com a criança e não vai poder trabalhar. Não sei o que vai acontecer. Espero que ocorra tudo bem, principalmente com a criança.*

O DSC revela que ter que morar na casa da companheira apresenta-se, para o pai adolescente, como uma importante mudança na sua vida. A presença do pai junto à mãe favorece o crescimento da relação conjugal. O apoio do pai ajuda a mulher a ter uma experiência mais positiva do nascimento e sua participação junto à mulher pode ajudá-la a desenvolver sua função maternal. Ao sentir-se envolvido com a paternidade, o homem prepara-se para participar mais ativamente nos cuidados com o filho. Dessa forma, morar com a companheira pode favorecer seu vínculo com a mesma e a possibilidade de desfrutar da alegria da paternidade. (ESPÍRITO SANTO; BONILHA, 2000).

Os pais adolescentes que decidem ir viver com suas companheiras podem considerar importante mostrar ao filho que pai e mãe estão juntos, fazendo tudo para que o bebê se sinta bem. Assim, a coabitação pode ser entendida como uma forma de resposta do pai adolescente à ordem social sobre o compromisso que está sendo estabelecido. (CABRAL, 2003). Estudos indicam que a busca pela coabitação com a companheira tem como objetivo ajudá-la, como decorrência de representações de cuidado desenvolvidas ao longo de sua história, dependentes de suas relações familiares e características individuais, bem como de diretrizes culturais. (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2006).

Em pesquisas, além das variáveis consanguinidade e parentesco, a variável coabitação tem tido um peso explicativo importante na definição do grupo familiar para adolescentes, por isso são comuns o casamento e a busca pela conjugalidade por pais adolescentes na contemporaneidade. (WAGNER; FÉRES-CARNEIRO, 2000; JABLONSKI, 2004; TELLES, 2007).

Quando decide sair de sua casa e ir morar na casa da companheira, o pai adolescente passa pelo processo de separação de sua família de origem, ocorrendo uma separação psicológica dos pais enquanto filhos, mas, ao mesmo tempo, uma aproximação dos mesmos em função do desempenho do papel paterno e da nova relação com o bebê com vistas à formação de seu próprio grupo familiar. (BLOS, 1996; LEVANDOWSKI; PICCININI, LOPES, 2009). Caso esse processo ocorra de forma positiva favorecerá o amadurecimento do seu ego, tornando-o capaz de relacionamentos mais maduros e de assumir novas funções como pai. (BLOS, 1996).

Segundo Goodyear, Newcomb e Allison (2000), ao constituir a sua própria família, o pai adolescente estaria tentando viver uma nova experiência de intimidade, criando uma família própria para amar e ser amado. Assim, sair de casa para morar com a companheira pode proporcionar um novo e importante vínculo no qual a RS se ancora durante o processo de separação emocional dos próprios pais. Dessa forma, a paternidade pode auxiliar o jovem pai a preencher algumas carências afetivas e a coabitação com a companheira pode ser compreendida como um aspecto positivo para o adolescente. (LEVANDOWSKI; PICCININI; LOPES, 2009).

A permanência do novo casal, que surge a partir do processo gravidez e paternidade na adolescência, junto à família de origem do rapaz, emerge, em alguns casos, como fator desencadeante de conflitos uma vez que os pais acabam por participar da vida do casal, favorecendo a resolução de questões financeiras, mas interferindo em sua relação e na criação do filho. Esse pode ser um dos motivos que levam o pai adolescente a sair de casa na busca por constituir a sua própria família. (CORRÊA, 2005).

Idéia central: A paternidade faz com que o adolescente torne-se mais responsável e preocupado com o cuidado, a educação e o sustento do seu filho.

Expressões Chave:

Agora eu vou ter que ser mais responsável

Agora que sou pai tenho que ser mais responsável

Terei que ser mais responsável, pois tenho um filho pra cuidar.

Agora vou ser pai, mais responsável com todas as coisas, com os estudos e com a minha companheira.

A chegada de um filho muda tudo, tanto para nós dois como casal e também para as nossas famílias. Vai se tornar difícil algumas vezes porque a responsabilidade é maior, mas acho que vamos conseguir dar conta.

Me preparar para cuidar do meu filho.

Vários fatores, o principal é que agora vou ter alguém para educar e sustentar.

DSC: A chegada de um filho muda tudo, tanto para nós dois como casal e também para as nossas famílias. Vai se tornar difícil algumas vezes porque a responsabilidade é maior, mas acho que vamos conseguir dar conta. Vários fatores, o principal é que agora vou ter alguém para educar e sustentar. Me preparar para cuidar do meu filho

O DSC sugere que a paternidade confere ao pai adolescente um novo *status* em relação ao nível de responsabilidade que passa a vivenciar. Ser pai traz embutida a idéia da impossibilidade de alguém ser irresponsável. Meincke e Carraro (2009) referem que, ao tornarem-se pais, os adolescentes passam a ocupar outras posições sociais decorrentes da paternidade.

O fato de os pais adolescentes estarem assumindo seus filhos parece ir contra a tendência comumente aceita de que eles abandonam suas parceiras ou não querem envolver-se com elas ou seu bebê, devido à pouca idade; contudo, essa seria uma nova tendência em relação ao evento. Conforme Levandowski (2001), atualmente nota-se um desejo dos adolescentes de serem pais efetivos, apesar de barreiras percebidas para o seu envolvimento nos mais diversos aspectos. Os jovens parecem dizer que “se tornam homens” ao assumir a paternidade, ou antes, que é preciso “ser homem” para “tomar responsabilidade” e assumir o que fez. (CABRAL, 2003).

É certo que a paternidade configura-se muito mais como uma atribuição socialmente esperada na vida do homem adulto. (CORRÊA, 2005). No entanto, Cabral (2003) refere que, na visão dos jovens, assumir a paternidade significa ter responsabilidade e assumir as consequências de suas atitudes, reafirmando o papel de homem. Assumir adquire o significado de “dou conta”, “sou homem”, atendo às expectativas sociais de gênero que modelam as atitudes dos sujeitos.

A categoria “responsabilidade” representaria uma nova posição desses jovens perante a vida: que eles precisam abrir mão das brincadeiras, da zoeira, da molecagem e dos excessos para passar a um outro *status* que implica a seriedade, obrigações, vínculos, dependência, já que optaram por assumir a paternidade. (CABRAL, 2003). Bustamante (2005), Levandowski e

Piccinini (2006), em seus estudos, verificaram que os jovens relacionam o aumento da responsabilidade com a redução da liberdade, pois vislumbram de forma mais concreta as modificações pessoais decorrentes da chegada do bebê com a maior responsabilidade e a consequente redução da liberdade.

Medrado e Lyra-da-Fonseca (1999), Meincke e Carraro (2009) relatam que a maior participação das mulheres na vida pública deve corresponder a uma maior participação do homem na vida privada, representada pela responsabilidade pela vida sexual e reprodutiva, pela criação dos filhos e pela partilha das atividades domésticas. Palma e Quilodrán (1997) identificaram a relação entre a paternidade na adolescência e o desenvolvimento de aspectos como a responsabilidade, sobretudo pelo provimento do filho, além da vinculação dos adolescentes à família constituída. Já Trindade e Menandro (2002) relatam que alguns adolescentes consideram a paternidade como um ganho pessoal, onde se destaca o aumento da responsabilidade, o amadurecimento e a relação afetiva com o filho.

O assumir a responsabilidade por seu filho mostra um novo pai que quer estar mais presente, participando ativamente do cuidado com a criança, “paternando”. A paternidade vai se construindo aos poucos, durante a gravidez, à medida que o homem vê a barriga de sua companheira crescer. A materialização do filho com o nascimento desperta no pai o desejo de proteger e ser responsável por ele, participar de sua vida e, principalmente, cuidá-lo, transmitindo-lhe valores morais, educativos e de autoridade. (ESPIRITO SANTO; BONILHA, 2000; LEVANDOWSKI et al, 2002).

As mudanças nos tradicionais papéis na família, com o pai assumindo maior responsabilidade pelo cuidado ao filho, têm gerado um aumento de estudos sobre a paternidade, em nível mundial. Essas pesquisas têm apontado que a participação do pai no cuidado dos filhos tem consequências positivas para a família como um todo, favorecendo o aumento do bem-estar da mãe, aconselhando e orientando o filho, dando liberdade para o filho fazer suas próprias escolhas, conhecendo o filho primeiro para saber como melhor agir com ele. (ESPIRITO SANTO; BONILHA, 2000; LEVANDOWSKI; PICCININI, 2006).

Idéia central: A paternidade faz com que o pai afaste-se de suas amizades e deixe de ir a festas.

Expressões Chave:

Agora tenho que me cuidar mais, parar com as festas e de andar com os amigos.

DSC: *Agora tenho que me cuidar mais, parar com as festas e de andar com os amigos.*

O DSC revela que assumir a paternidade representa um impacto na vida social do adolescente na qual ele passa a não ter tempo para atividades antes rotineiras como o estar com amigos ou frequentar festas.

A maioria dos jovens busca adaptar-se a essa nova etapa da vida de forma a fortalecer o vínculo familiar, buscando um afastamento das atividades que exercia anteriormente, tidas como não tão importantes quando comparadas ao nascimento do seu filho e a manutenção dos laços pai-filho. O ser pai causa mudanças na vida do pai adolescente exigindo novas interações. Essas mudanças podem ser interpretadas como a perda de liberdade, mencionada pelos adolescentes e traduzida pela diminuição nos contatos sociais e nos programas com os amigos. (TRINDADE; MENANDRO, 2002).

A experiência da paternidade pode fazer com que o pai adolescente experimente a perda de sua identidade como adolescente, pois as exigências para que ele se torne uma pessoa mais responsável, somadas às demandas de cuidado com o filho, podem fazê-lo sentir-se preso a um novo e diferente modo de vida. No entanto, o convívio com o filho e com a companheira pode fazê-lo perceber-se como uma pessoa mais madura e responsável. (ANDRADE; RIBEIRO; SILVA, 2006; GONTIJO; MEDEIROS, 2008).

O nascimento de um filho parece incrementar o processo de transição para a vida adulta. “Ter responsabilidade”, consequência direta da paternidade, implica a incorporação ou assunção de novos papéis caracterizados pelos atributos da “seriedade” e da “maturidade”. (CABRAL, 2003, p. 289). A passagem para o *status* de “pai” implica em uma seriedade maior, em obrigações.

Os pais adolescentes precisam cuidar-se mais, levar uma vida mais regrada, pois, agora, há um filho que depende deles. Declaram alterações no “cuidar de si”, representadas pela renúncia aos bailes de briga, assim como é frequente a referência ao “tomei responsabilidade”, “eu virei homem”. (CABRAL, 2003, p. 289). Estudos apontam discursos nos quais os adolescentes assinalam as alterações ocorridas no âmbito da sociabilidade, pois os imperativos do “dar o exemplo” e do “ter que trabalhar” sinalizam uma certa diminuição do “tempo livre” para o convívio com os pares. (LEVANDOWSKI; PICCINI, 2006).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou evidenciar as representações do adolescente acerca do ser pai na adolescência, na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, através da Teoria das Representações Sociais. Iniciou fazendo um resgate bibliográfico da gravidez na adolescência no Brasil, o que mostrou a pouca bibliografia disponível, na área da Enfermagem, mostrando ser esse um campo rico para pesquisas por enfermeiros.

Os dados do estudo mostram que os principais métodos contraceptivos conhecidos e aos quais os adolescentes possuem acesso são a pílula e a camisinha. No entanto, percebe-se que ainda não utilizam métodos preventivos da gravidez ou fazem de forma inadequada. Alguns utilizam esses métodos apenas no início da relação, mas com o tempo deixam de fazê-lo e o controle da natalidade, ainda, é deixado pelo adolescente por conta da mulher. Estes dados evidenciam a grande vulnerabilidade desses adolescentes à gravidez e às doenças sexualmente transmissíveis.

Apesar de manterem relações sexuais desprotegidas, referem que a gravidez não foi planejada; aconteceu por descuido ou acidente. No entanto, o estudo mostra que, após o primeiro impacto, os adolescentes acabam aceitando a gravidez, assumindo a responsabilidade pelos filhos. Em relação aos sentimentos do pai adolescente frente à informação da gravidez, verifica-se que, no início, podem mostrar-se desconfiados e descrentes da veracidade desse diagnóstico para, em seguida, apresentar-se preocupados, tristes e, alguns, com raiva de si mesmos por não terem usado preservativos. Percebe-se, porém, que, com o tempo, ficam felizes e alegres com a paternidade.

As principais representações dos pais adolescentes deste estudo acerca das qualidades de um bom pai são: ser chefe, trabalhar e ser o provedor da família. No entanto, cuidar do filho apareceu nos discursos de todos os adolescentes, mostrando a existência de uma nova concepção de paternidade, um pai preocupado também com o cuidado direto à criança.

Em relação ao processo de viver do adolescente a partir da paternidade, verifica-se que a maioria não se sente preparado para o exercício da paternidade, necessitando de ajuda para assumir o papel de pai. Todos referem espelhar-se em uma figura masculina de sua família como fonte de preparo, mesmo aqueles que foram criados pelas mães ou avós, sem a figura paterna. Como principais facilidades para o desempenho do papel de pai, os adolescentes apontam o apoio da família, ter um emprego e morar com a companheira. Como dificuldades referem a falta de emprego ou a baixa remuneração, o medo de não saber cuidar do filho, a interrupção do processo de escolarização e, em um dos casos, a falta de apoio familiar.

Quanto às mudanças ocorridas na vida do adolescente a partir da paternidade, os adolescentes referem a entrada precoce no mercado de trabalho, o aumento da responsabilidade frente ao filho e à companheira, o se afastar das amizades e deixar de ir a festas e, principalmente, o mudar de casa para coabitar com o filho e a companheira. Neste estudo, o mudar de casa apresentou-se fortemente referido pelos quatro adolescentes do estudo que vivenciaram essa situação como apresentando forte impacto pelo rompimento dos vínculos e relações familiares que possuíam.

Entendemos que tanto o referencial teórico das representações sociais quanto o referencial metodológico (entrevistas e discurso do sujeito coletivo) apresentaram-se adequados, possibilitando as considerações aqui apresentadas, assim como permitiu alcançar o objetivo deste estudo, favorecendo a análise dos dados. Verificou-se que as representações dos adolescentes vão se modificando ao longo do tempo conforme suas vivências, crenças e valores fortemente influenciados pelo contexto social no qual estão inseridos.

Chamamos a atenção para a grande dificuldade em obter dados quantitativos acerca da paternidade na adolescência em nosso país. A ausência de dados sobre a população masculina nos Sistemas Oficiais de Informação relacionados a Nascidos Vivos e Saúde Reprodutiva (IBGE e SINASC) evidencia a necessidade de adequação desses sistemas para a viabilização de pesquisas e ações estratégicas referentes à prevenção da gravidez na adolescência e repetição dessa ocorrência entre adolescentes. Enquanto esses números não se tornarem oficiais, a pouca visibilidade dessa problemática pode continuar em evidência.

Outro fato que nos chama a atenção é a pouca atenção que os profissionais da saúde dão a essa parcela da população. Ainda hoje, os serviços estão organizados para a assistência à adolescente grávida e pouco se sabe acerca das vivências dos pais, principalmente dos adolescentes, durante o processo de gestação, parto e cuidados posteriores com os filhos. Ainda persiste na literatura que o adolescente abandona a companheira grávida e é irresponsável. Talvez, se tivessem mais apoio dos profissionais da saúde e políticas públicas sociais tendo uma rede de apoio social, essa realidade fosse diferente. Este estudo revela que o pai adolescente tem o desejo de estar presente em todos os momentos que envolvem o nascimento de filho e quer tornar-se pai envolvendo-se afetivamente com o mesmo.

Esperamos, com o presente trabalho, sensibilizar os profissionais da saúde/enfermagem, que cuidam de famílias no período de gestação, parto e pós-parto, para valorizarem e estimularem o exercício da paternidade em todos os homens que vivenciam essa experiência. Assim, estaremos contribuindo para o surgimento de uma nova família, onde os filhos sejam acolhidos amorosamente pelo pai e pela mãe ao chegarem as suas vidas.

Além disso, é necessário que assumamos o nosso papel educativo junto à população de

adolescentes, no sentido de auxiliá-los, a partir do início de sua atividade sexual, a elaborarem um projeto contraceptivo coerente com suas ações, incluindo a perspectiva masculina como um importante elemento na saúde reprodutiva, evitando a gravidez não planejada e facilitando o exercício da paternidade dos adolescentes que estiverem nessa situação. O estudo evidencia que não basta distribuir métodos contraceptivos e informar os adolescentes quanto ao seu uso. A situação apresenta-se bem mais complexa do que apenas melhorar o acesso desses adolescentes aos métodos e ao conhecimento. No entanto, essas são ações mínimas que os serviços de saúde devem contemplar como forma de auxiliar os adolescentes a terem uma vida sexual e reprodutiva mais saudável.

Os profissionais da saúde/enfermagem precisam atuar também junto às famílias e aos profissionais da educação, construindo uma rede de apoio social ao adolescente que, realmente, leve em consideração questões relativas à vulnerabilidade do comportamento sexual, sexualidade e contexto social no qual os adolescentes estão envolvidos. Essas ações devem ser implementadas o mais precocemente possível como forma de instrumentalização do adolescente para que tenha condições de tomar suas próprias decisões em relação a sua vida sexual e reprodutiva, diminuindo os preconceitos e estigmas, ainda vivenciados por eles frente à gravidez e ao exercício da paternidade.

Os futuros pais necessitam ser conhecidos e terem atendidas as suas necessidades, para que possam desempenhar de forma mais efetiva seu novo papel em idade precoce. A temática “paternidade adolescente” merece atenção, pesquisas e investimentos políticos e técnico-científicos, no sentido de melhor compreendê-la enquanto questão social que ora se coloca. A desconsideração das consequências da paternidade, por sua vez, pode implicar na omissão dos serviços de saúde e educação no que se refere ao favorecimento da possibilidade dos adolescentes discernirem quanto aos seus projetos de vida e as implicações de seus atos, independente de os mesmos escolherem tornar-se pais ou não nesse período de suas vidas.

A enfermagem deve estar consciente de seu papel de orientar e cuidar o novo pai que, junto a sua companheira, tem a missão de ser pai adolescente e criar seu filho, elaborando estratégias assistenciais coerentes com o perfil desse usuário dos serviços de saúde. Esperamos que as representações dos adolescentes acerca da paternidade na adolescência apresentadas neste trabalho sirvam de referências para outras pesquisas que abordem a temática paternidade na adolescência, sob a perspectiva dos profissionais da enfermagem, possibilitando novos olhares acerca da temática.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. G. T.; SOUZA, I. E. O. **O pai a espera do parto**: uma visão compreensiva do fenômeno. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1999. p. 52-76.

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2000.

ALEXANDRE, M. Representação Social: um genealogia do conceito. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 122-138, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum23/Artigo7.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2009.

ALMEIDA et al. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 37, p. 566-75, 2003.

ALMEIDA, A. F. F.; HARDY, E. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 565-72, 2007.

AMAZARRAY et al. A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 431-440, 1998.

ANDRADE, P. R.; RIBEIRO, C. A. ; SILVA, C. V. Mãe adolescente vivenciando o cuidado do filho: um modelo teórico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.59, n. 1, p. 30-35, jan./fev. 2006.

AQUINO, E. M. L. et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p. 377-388, 2003.

ARILHA, M. Homens: entre a "zoeira" e a "responsabilidade". In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Org.). **Homens e masculinidades** outras palavras. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998. p. 51-78.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

BALLONE, G. J. Gravidez na Adolescência. **PsiquWeb**, 2003. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/gballone/infantil/adolesc3.html>. Acesso em: 13 jun. 2008.

BELO, Márcio Alves Vieira; SILVA, João Luiz Pinto e. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. **Rev. Saúde Pública** [online], v. 38, n.

4, p. 479-487, 2004. ISSN 0034-8910.

BEMFAM (Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil), Adolescentes, jovens e a Pesquisa Nacional sobre demografia e saúde. Um estudo sobre fecundidade, comportamento sexual e saúde reprodutiva., Rio de Janeiro: BEMFAM, 1999.

BLOS, P. **Transição adolescente**: Questões desenvolvimentais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BORGES, A. L. V. Relações de gênero e iniciação sexual em mulheres adolescentes. **Revista da Escola Enfermagem**, São Paulo, v. 41, n. 4, p.5 97-604, 2007.

BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 499-507, mar./abr., 2005.

BORNHOLDT, E. A; WAGNER, A; STAUDT, A. C. P. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 19 n. 1, 2007.

BRANDÃO, E. R.; HEILBORN, M. L. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v, 22, n. 7, p. 1421-30, 2006.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990. Brasília: MS, 1991.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente. **Programa Saúde do Adolescente**. Bases Programáticas. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_05.pdf. Acesso em: 10 jan. 2010.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde da Mulher. **Assistência em planejamento Familiar: manual técnico**. 4. ed. Brasília: MS, 2002.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Cartilha dos direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília: MS, 2006.

BRUNO Z. V. et al. Sexualidade e anticoncepção na adolescência: conhecimento e atitude. **Reprodução Clínica**, v. 12, p. 137-40, 1997.

BURNS, M. A. T.; SANTOS, C. **Adolescentes**: Maternidade e Paternidade Inoportunos. São

Paulo: Ômega, 2001.

BUSTAMANTE, V. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: Um estudo de caso com homens de camadas populares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 393-402, 2005.

CABRAL, C. S. Contraceção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p. S283-S292, 2003.

CAMARANO, A. A. Fecundidade e anticoncepção da população de 15-19 anos. In VIEIRA et al (Orgs.). SEMINÁRIO GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação de Saúde da Família, 1998. p. 35-46.

CARRETEIRO, T. C. Pensando a relação de trabalho entre adolescentes e famílias. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO CIENTÍFICO DA ANPEPP. 10. Aracruz. **Anais...**, Aracruz, p. 43, 2004.

CARVALHO, M. L. M. Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2), p. S389-S398, 2003.

CORRÊA, A. C. P.; FERRIANI, M. G. C. Paternidade na adolescência: um silêncio social e um vazio científico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 499-505, dez. 2006.

CORRÊA, A.C.P. **Paternidade na adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentaram**. 2005. Tese (Doutorado em Enfermagem)- Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, 2005.

COSTA et al. Gravidez na adolescência e co-responsabilidade paterna: Trajetória sócio-demográfica e atitudes com a gestação e a criança. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 719-727, 2005.

COSTA et al. Indicadores materno-infantil na adolescência e juventude: sociodemográficos, pré-natal, parto e condições de nascidos vivos. **J. Pediatri**, Rio de Janeiro, v. 77, n. 3, p. 235-242, maio/jun. 2001.

DAVIM, R. M. B. **A prática da contracepção: causas de abandono na utilização de métodos contraceptivos por adolescentes**. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde)- Centro de Ciências da Saúde, Universidade da Paraíba, João Pessoa, 1998.

DE LATORRE, L. D. **Adolescência, sexualidade e AIDS**. 2005. Trabalho de Conclusão do

Curso de Enfermagem (Graduação)- Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.

DIAS, A. B.; AQUINO, E. M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1447-1458, jul. 2006.

DURKHEIN, E. **Formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

ESPIRITO SANTO, L. C.; BONILHA, A. L. L. Expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o parto e nascimento de seu filho. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 87-109, jul. 2000.

ESTEVES, J. R.; MENANDRO, P. R. M. Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 10, n. 3, p. 363-370, 2005.

FERREIRA, T. UNIFESP – Escola Paulista de Medicina. Disponível em:
<<http://www.unifesp.br/comunicacao/jta/ed159/pesq3.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2006.

FONSECA, A. D. **A Concepção de sexualidade na vivência de jovens**: bases para o cuidado de enfermagem. 2004. 248 f. Tese (Doutorado em Enfermagem)- Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, Florianópolis, 2004.

FRANCO, M. L. P. B. S. Representações Sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan./abr. 2004.

FREITAS, W. M. F.; COELHO, E. A. C., SILVA, A. T. M. C. Sentir-se pai: vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 137-45, jan. 2007.

FRIZZO, G. B.; PICCININI, C. A. Interação mãe-bebê em contexto de depressão materna: Aspectos teóricos e empíricos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, p. 47-55, 2005.

GAMA, S. G. N. et al. Gravidez na adolescência fator de risco para baixo peso ao nascer no município do Rio de Janeiro, 1996 a 1998. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 74-80, 2001.

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e Masculinidades**: outras palavras São Paulo: ECOS, 1998. p. 31-50.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODINHO, R. A. et al. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 25-32, 2000.

GONÇALVES, H.; KNAUTH, D. R. Aproveitar a vida, juventude e gravidez. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 49, n. 2, 2006.

GONTIJO, D. T.; MEDEIROS, M. “Tava morta e revivi”: significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 469-472, fev. 2008.

GOODYEAR, R. K., NEWCOMB, M. D., ALLISON, R. D. Predictors of Latino men's paternity in teen pregnancy: Test of a mediational model of childhood experiences, gender role attitudes, and behaviors. **Journal of Counseling Psychology**, Washington, v. 47, n. 1, p. 116-128, 2000.

GUIMARÃES, A. M. D. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, A. J. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, p. 293-8, 2003.

GUIMARÃES, E. M. B. Gravidez na adolescência: uma visão multidisciplinar. **Pediatria Moderna**, v. 37 (edição especial), p. 29-32, 2001.

HAFFNER, D. W. **Facing facts**: sexual health for America's adolescents: the report of the national commission on adolescent sexual health. New York: Sexuality Information and Education Council of the United States, 1995.

HAGETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HEILBORN, M. L. et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol. 8, n. 17, p. 13-45, jun. 2002.

HILL, John P. **Understanding early adolescence**: a framework. Chapel Hill, NC: Center for early adolescence, 1980.

JABLONSKI, B. Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: Novas tendências? In: SIMPÓSIO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO CIENTÍFICO DA ANPEPP, 10., 2004, Aracruz. **Anais...** Aracruz, 2004.

JODELET, D. **A Representação Social**: fenômenos, conceitos e teoria. São Paulo: Mimeo, 1989.

JONES, R. **Pai e paternidade**. Disponível em: <www.partodoprincipio.com.br>. Acesso em:

20 ago. 2006.

JUNDI, Maria da Graça Insaurriaga. **Produção textual de adolescentes acerca da saúde sexual e reprodutiva**: subsídios para atuação de enfermagem. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande -FURG, Rio Grande. 2009.

KITAHARA, R. H.; ROSSI, S.; GRASSIOTIN, M. C. B. **Participação do pai na gestação, parto e nascimento**: uma questão de cidadania. 2005. Disponível em: <www.uniandrade.edu.br/links/menu3/publicacoes/revista_enfermagem/artigo076.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2010.

KLEIN, J. D. Adolescent Pregnancy: Current Trends and Issues. **Pediatrics**, v. 116, n. 1, p. 281-281, jul. 2005.

LAMB, M. E.; ELSTER, A. B. Parental behavior of adolescent mothers and fathers. In ARTHUR, B.; ELSTER & MICHAEL, E. Lamb (Eds.), **Teenage Fatherhood**. Hillsdale: Lawrence Earlbaum Associates, 1986. P. 89-106.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: Educs, 2005.

LEVANDOWSKI, D. C. et al. Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. **Interações**, v. 7, n. 13, p. 77-100, 2002.

LEVANDOWSKI, D. C. **Paternidade na adolescência**: expectativas, sentimentos e a interação com o bebê. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento)-, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001a.

_____. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 195-209, jul./dez. 2001b.

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A. A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 2, p. 413-424, 2002.

_____. Paternidade na adolescência: aspectos teóricos e empíricos. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**; São Paulo, v. 14, n. 1, p. 51-67, jan./maio 2004.

_____. Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. **Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 017-028, jan./abr. 2006.

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A.; LOPES, R. C. S. Maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 251-263, abr./jun. 2008.

_____. O Processo de separação-indivuação em adolescentes do sexo masculino na transição para a paternidade. **Psicologia e Reflexão Crítica**, vol. 22, n. 3, p. 353-361, 2009.

LIMA, C. T. B. et al. Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. **Rev. Bras. Saúde Mat. Infant.**, Recife, v. 4, n. 1, p. 71-83, 2004.

LIMA, I. C. **Gravidez na adolescência**: atitudes e responsabilidade paterna. 2002. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2002.

LUZ, A. M. H.; BERNI, N. I. O. Processo da paternidade na adolescência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, vol.63, pp. 43-50, 2010.

LYRA-DA-FONSECA, J. L. C. **Paternidade adolescente**: uma proposta de intervenção. 1997. 182 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

LYRA-DA-FONSECA, J. L. C. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e masculinidades** outras palavras. São Paulo: ECOS, 1998. p. 185-211.

LYRA-DA-FONSECA, J. L. C. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção, pp. 185-214. In: ARILHA, S. G. U.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e masculinidade**: outras palavras. São Paulo: Ecos, 2001.

LYRA, J. **Paternidade na adolescência**: percorrendo a bibliografia. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Poster/Paternidade%20na%20Adolesc%C3%Aancia%20-%20Percorrendo%20a%20bibliografia.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2006.

MALDONADO, M. T.; DICKSTEIN, J.; NAHOUM, J. C. **Nós estamos grávidos**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

MANDÚ, E. N. T. Gravidez na Adolescência: um problema? In: RAMOS, F. S.; MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R. G. (Org.). **Projeto Acolher**: um encontro da enfermagem com o adolescente. Brasília: ABEn: Governo Federal, 2000. p. 94-97.

MANDÚ, E. N. T. Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução. Páginas 61-74 In:

Associação Brasileira de Enfermagem. **Projeto Acolher**: adolecer: compreender, atuar, acolher. Brasília: ABEn, 2001.

MEDRADO, B.; LYRA-DA-FONSECA, J. L. C. **A adolescência "desprevenida" e a paternidade na adolescência**: uma abordagem geracional e de gênero. Disponível em: <<http://www.abmp.org.br/textos/449.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

MEINCKE, S. M. K.; CARRARO, T. E. Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 83-91, jan./mar., 2009.

MONTEIRO, C. F. S. et al. A violência intra-familiar contra adolescentes grávidas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 4, p. 373-376, 2007.

MONTGOMERY, M. **O novo pai**. 5. ed. São Paulo: Gente, 1998.

MONTMAYOR, Raymond. Boys as fathers: Coping with the dilemmas of adolescence. In Elster, Arthur B.; Lamb, Michael E. (Eds.). **Adolescent fatherhood**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1986. p 1-18.

MOSCOVICI, S. **Psicologia Social** – Representações Sociais – Investigações em psicologia social. 5, ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTTA, M. G. C. et al. Vivências da mãe adolescente e sua família. *Acta Scientiarum*, 2004, v. 26, n. 1, p. 249-56.

MOURA, M. S. Q. **Características clínicas e nutricionais de gestantes e adolescentes e jovens acompanhadas no pré-natal: Hospital Geral Clériston Andrade**. 2003. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2003.
NASCIMENTO, A. X. **Representação social da maternidade para mães adolescentes e para profissionais da saúde**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Pernambuco, Faculdade de Odontologia de Pernambuco, Camaragibe, 2006.

NUNES, C. E. G. Adolescência e paternidade: um duelo de papéis sociais. **Psicologia**, v. 29, n. 1, p. 125-138, 1998.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Disponível em: <<http://www.who.int/en/index.html>>. Acesso em: 20 ago. 2009.

ORLANDI, R; TONELI, M. J. F. Sobre o processo de constituição do sujeito face à paternidade na adolescência. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 18, p. 257-267, dez 2005.

OUTEIRAL, José O. **Adolescer**: estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PAIVA, A. N.; CALDAS, M. L. C. S.; CUNHA, A. A. Perfil psicossocial da gravidez na adolescência. In: MONTEIRO, D. L. M.; CUNHA, A. A.; BASTOS, A. C. (Org.). **Gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

PALMA, I.; QUILODRAN, C. Opções masculinas jovens diante da gravidez. In: COSTA, A. O. (Org.). **Direitos tardios**: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 141-171.

PARKE, R. D. **Fatherhood**. London: Harvard University Press, 1996.

PERSONA, L.; SHIMO, A. K. K.; TARALLO, M. C. Perfil de adolescentes com repetição da gravidez atendidas num ambulatório de pré-natal. **Revista Latino Americana Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 5, p. 74-50, set./out. 2004.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicologia Clínica**, v. 19, n. 2, dez. 2007.

PICCININI, C.A. et al. Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. **Psicologia Teórica e Pesquisa**, v. 20, n. 3, p. 223-32, Sept./Dec. 2004.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem métodos, avaliação e utilização**. 5. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

REIS, Janet S.; HERZ, Elicia J. Correlates of adolescent parenting. **Adolescence**, v. 22, p. 599-609, 1987.

RICO, A. **Paternidade**. Disponível em: www.guiadobebe.uol.com.br. Acesso em: 15 dez. 2009.

ROHDE, L. A. et al. A função paterna no desenvolvimento do bebê. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**; Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 127-35, 1991.

RUSSELL, Candice S. Unscheduled parenthood: transition to "parent" for the teenager. **Journal of Social Issues**, v. 36, n. 1, p. 45-63, 1980.

SAITO, M. I.; LEAL, M. M. Aspectos éticos da contracepção na adolescência. **Rev. Assoc. Méd. Bras.**, v. 49, p. 234-4, 2003.

SANTOS, A. L. D. **Histórias de Jovens que Vivenciaram a maternidade na adolescência menor**: um reflexão sobre as condições de vulnerabilidade. 2006. Tese (Doutorado em Saúde Pública)- Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

SANTOS, I. B. **Maternidade e paternidade na adolescência**: uma reflexão necessária.

Disponível em:

<http://www.unama.br/extensao/sit/moduloI/paginasartigos/Maternidadeepaternidadenaadolescenciaumareflexao.doc> Acesso em: 15 abr. 2010.

SANTOS, I. M. M.; SILVA, L. R. Estou grávida, sou adolescente e agora? - Relato de experiência na consulta de Enfermagem. In: Ramos, F. R. S; Monticelli, M.; Nitsche, R. G.(Org.). **Projeto Acolher**: um encontro da enfermagem como adolescente brasileiro. Brasília: ABEn, 2000. P. 176-182

SANTOS, J. L. O. Menino que faz menino ainda é menino? A invisibilidade da paternidade adolescente. In: **Resumos Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis, ago. 2008.

SCHNEIDER, J. F. et al. A paternidade na perspectiva de um grupo de pais. **Revista Gaúcha de Enfermagem.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 113-22, jul. 1997.

SIQUEIRA, M. J. T. et al. Profissionais e usuárias(os) adolescentes de quatro programas públicos de atendimento pré-natal daregião da grande Florianópolis: onde está o pai? **Estudos de Psicologia**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 65-72, 2002.

SIQUEIRA, M. J. T. Novas formas de paternidade: repensando a função paterna à luz das práticas sociais. In: SILVA, A. L.; LAGO, M. C. S.; RAMOS, T. R. O. (Org.) **Falas de gênero**. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 187-202.

SOARES, E. **Metodologia Científica** lógica, epistemologia e normas. São Paulo: Atlas, 2003.

SOUSA, L. D. **O significado da maternidade para mães adolescentes á luz da teoria das representações sociais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009.

SOUZA, M. M. C. A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos como desvantagem social. In: VIEIRA, E. M. et al (Org.). SEMINÁRIO GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA, 1998, Rio de Janeiro. **Anais....**, 1998.

SZEJER, M; STEWART, R. **Nove meses na vida de uma mulher**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

TAKIUTI, A. D. A paternidade na adolescência. CONGRESSO BRASILEIRO DE ADOLESCÊNCIA, 2001, Salvador. **Anais...** Salvador, v. 1, 2001. p. 96.

TELLES, K. S. **Representações de adolescentes acerca de sexualidade, gênero e as implicações na promoção da saúde**. 2007. 188 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2007.

TETI, Douglas M.; LAMB, Michael E. **Sex-role learning and adolescent fatherhood**. In ELSTER Arthur B.; Lamb Michael E. (Eds.). *Adolescent fatherhood*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1986. p 19-30

TRINDADE, E.; BURNS, M. A. T. **Adolescentes e paternidade**: um enfoque fenomenológico. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

TRINDADE, R. F. C. **Entre o Sonho e a Realidade: a maternidade na adolescência sob a ótica de um grupo de mulheres da periferia da cidade de Maceió – Alagoas**. 2005. Tese (Doutorado em Enfermagem)– Programa de Doutorado em Enfermagem. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2005.

TRINDADE, Z. A.; MENANDRO, M. C. S. Pais adolescentes: vivência e significação. **Estudos de Psicologia**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 15-23, 2002.

UNICEF - **A Voz dos Adolescentes**. Disponível em:
<<http://www.unicef.org/brazil/pt/vozdosadolescentes02.pdf>>. Acesso em: 25 ago 2009.

VENTURA, M.; CORRÊA, S. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p.1505-1509, jul. 2006.

VIEIRA L. M. et al. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 6, n. 1, p. 135-140, jan./mar. 2006.

VILLELA, W.; BARBOSA, R.. Opções contraceptivas e vivências de sexualidade: Comparação entre mulheres esterilizadas e não esterilizadas em região metropolitana do Sudeste do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 30, p. 452-459, 1996.

VILLELA, W. V; DORETO, D. T. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 2467-2472, nov. 2006.

WAGNER, A. Possibilidades e potencialidades da família: A construção de novos arranjos a partir do recasamento. In: WAGNER, A. (Org.). **Família em cena**: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 23-38.

WAGNER, A.; FÉRES-CARNEIRO, T. O recasamento e a representação gráfica da família do adolescente. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 11-19, 2000.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu, Pablo Vitorio Annunziato Ruivo (pablovittorio@gmail.com, CI: *****), venho respeitosamente, através do presente, solicitar sua colaboração no sentido de participar do trabalho de pesquisa que será por mim desenvolvido: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PAIS ADOLESCENTES ACERCA DO “SER PAI” NA ADOLESCÊNCIA. O objetivo deste estudo é conhecer as representações sociais de pais adolescentes acerca do “ser pai” na adolescência.

O mesmo é orientado pela Prof^ª. Enf^ª. Dr^ª. Giovana Calcagno Gomes (acgomes@mikrus.com.br, CI: *****) e será realizado através de entrevistas.

Pelo presente Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informada de forma clara e detalhada dos objetivos, da justificativa, e da metodologia do trabalho através de entrevista individual. Fui igualmente informado(a):

Da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca de qualquer questão referente ao trabalho;

Da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;

Da segurança de que não serei identificado(a) e que se manterá caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade;

De que serão mantidos todos os preceitos éticos e legais durante ou após o término do trabalho;

De compromisso de acesso a todas as informações em todas as etapas do trabalho bem como da análise da coleta de dados.

Nome do/a participante: _____

Assinatura: _____

Nome do/a responsável legal: _____

Assinatura: _____

Local: _____ Data: __/__/20__

Prof^ª. Dr^ª. Giovana Calcagno Gomes
(pesquisador responsável)

Enf^º. Pablo V. Annunziato Ruivo
(pesquisador principal)

APÊNDICE B - ROTEIRO DE COLETA DE DADOS

Nome:

Idade:

Escolaridade:

01. Que idade seu pai tinha quando você nasceu?
02. O que é ser pai para você?
03. Dê um exemplo de pai para você?
04. Que qualidades um homem deve ter para ser um bom pai?
05. Você conhece alguém assim?
06. Há quanto tempo está junto com a companheira?
07. A gravidez foi planejada?
08. Como aconteceu a gravidez?
09. Que método contraceptivo vocês usavam? Se não usavam que dificuldades tiveram para utilizar?
10. Quando soube que seria pai?
11. Que sentimentos esta notícia lhe despertou?
12. Você se sente preparado para ser pai?
13. Que dificuldades você acha que enfrentará para desempenhar seu papel de pai?
14. A quem irá recorrer frente a dificuldades?
15. Que facilidades você acha que terá para desempenhar seu papel de pai?
16. Em que você acha que sua vida mudará a partir da paternidade?

ANEXO – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA NA ÁREA DA SAÚDE -
CEPas



C E P A S

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA NA ÁREA DA SAÚDE

Universidade Federal do Rio Grande
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEP
Avenida Itália km 08 – Campus Carreiros - Caixa Postal 474 - Rio Grande – RS - CEP: 96201-900
E-Mail: propep@furg.br Telefone: 3233 6736
E-mail: cepas@furg.br Telefone: 32330235
Homepage: www.cepas.furg.br

PARECER Nº 106/ 2010

PROCESSO Nº 23116.004861/2010-45

CEPAS 47/2010

TÍTULO DO PROJETO: “**Representações sociais de adolescentes acerca do “ser pai” na adolescência**”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Profª. Giovana Calcagno Gomes.

PARECER DO CEPAS:

O Comitê, considerando o atendimento às pendências informadas no Parecer 89/2010, emitiu o parecer de **APROVADO** para o projeto “Representações sociais de adolescentes acerca do “ser pai” na adolescência”.

Segundo normas da CONEP, deve ser enviado relatório de acompanhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme modelo disponível na página <http://www.cepas.furg.br>.

Data de envio do relatório final 01/02/2011

Rio Grande, RS, 15/09/2010.

Eli Sinnott Silva
Profª. MSc. Eli Sinnott Silva
Coordenadora do CEPAS